



# FABIO

POR

**FREI BIBIANO**

**ANNOTADO**

**POR UM AMIGO**

*(Yeraguim Dias)*



**Rio de Janeiro.**

**TYP. DE ARANHA & GUIMARÃES**

**33 Rua de Gonçalves Dias 33**

**1871**



Amis lecteurs, qui ce livre lisez,  
Despouillez-vous de toute affection ;  
Et le lisant ne vous scandalisez :  
Il ne contient mal, ni infection.

RABELAIS.



## AO LEITOR

Frei Bibiano é morto.

Logo que o vi passar-se ás regiões d'além vida, concebi a idéa de publicar o seu FABIO, ha pouco escripto.

Que direi da obra? Lêde-a, e julgai-a.

Se alguns tiverem bastante fraqueza de espirito para negar a verdade dos factos e a pureza das intenções do poeta, a consciencia d'esses lhes dará melhor resposta do que eu.

Nesta quadra de corrupção e desengano, o FABIO é a expressão do sentimento geral, ao menos a expressão do juizo do futuro. Assim o creio.

Vai illustrado com algumas notas que me pareceram necessarias.

Cumpro um dever para 'com o amigo e para com os meus concidadãos livres. A ira dos parvos não me cômmove.

VALE.



# FABIO

## CANTO I.

Loquar in amaritudine animae meae.

JOB.

Quem d'entre os homens uma vez na vida  
Não concentrou-se em negro pensamento,  
Quem uma vez com a alma dolorida  
Não gemeu suspirando como o vento  
Por urzes seccas, e com a voz partida  
Não maldisse do mundo um só momento,  
E não descreo dos homens e de tudo  
Triste gemendo em desespero agudo?

Da solidão o genio me procura  
E se debruça afflicto no meu seio.  
Cubra-se o meu cantar de nevoa escura  
Que o filho do ermo procurar-me veio.  
Alma chorosa e cheia de amargura,  
Abre ao silencio o teu mortal anseio.  
Que peito de homem um sombrio canto  
Não ouvirá com dôr, talvez com pranto?

Mas que digo? Insensato! A musa errada  
Vai caminho de tumbas como louca  
Porque chorar? E' certo desgraçada  
A alma do homem que a miseria apouca.  
Um estoico, meu Deus! Ora, isso é nada.  
Uma historia commum. Porque se touca  
A minha harpa de goivos? Oh! riamos  
Sobre esta vida estulta em que passamos.

Fé no amigo do peito, crença infinda  
Nos homens, no altar, de pura chamma;  
A' mulher mais que os anjos doce e linda,  
Paixão febril que o seio em gozo inflamma;  
Amor, virtude; e o que direi ainda  
Em troco de perjurio, infamia e lama!  
Oh! riamos, que a san philosophia  
Nasceu do velho que de tudo ria.

Eu conto a minha historia. Neste imperio  
Grande no corpo, estúpido na mente,  
Teve o berço um mancebo. Ao cemiterio  
Desceu o pai, um Cresco que no ardente,  
Escravo e nú, antarctico emispherio  
Cavou do negro na sangueira quente  
Phantastica riqueza. Se elle dorme  
Que o diga Satanaz com a boça informe.

Cresceu o infante. Sua triste vida  
Deixai que corra nos meus versos nua,  
A sentimentos sofregos prendida,  
A' dôr acerba com que o peito estua.  
Deixai que passe como flôr cahida  
Em torrente lamosa, ou como a lua  
Pendendo á noite por sombrios montes,  
Buscando a cova além nos horizontes.

Era Fabio seu nome. A juventude  
Não a vasara nas febris orgias  
Das taças ao clarão, á furia rude  
Das impudicas, torpes alegrias ;  
Neste vasto scenario onde a virtude  
Cahio de rasto ao som das vozerias,  
Onde a velhice e a mocidade agora  
D'alma o pudor frenetica desflora.

Viveu além. Na solidão occulto,  
Pendido inteiro na caudal pujante  
Da sciencia, bebeu. Talvez estulto.  
O anciado raio em sombras vacillante  
Surge e desmaia, nasce e está sepulto ;  
Mysterio horrendo lança-se diante.  
Que faz o homem que a sciencia busca  
Se a mão de Deus a o louco a vista offusca?

Era bem moço, e devassando ousado  
Da sciencia os umbraes, armas vestira  
Com que da vida á luta preparado  
O bom defenda, o miseravel fira.  
Sacerdote do bem, fôra sagrado  
Em fições que o saber e a honra inspira.  
Partio seguro, e lá no torvelinho  
Da vida humana foi ábrir caminho.

E foste errado, em desigual combate  
Com taes petrechos cahirás vencido ;  
De tua espada o fio não rebate  
O golpe da traição na treva urdido,  
A calumnia mordaz que a honra abate.  
O crime dobre no sorriso unguido,  
A fraude, a ingratição—abutre feio  
Que morde ao bemfeitor as mãos e o seio.

---

## CANTO II.

E vê do mundo todo os principaes,  
Que nenhum no bem publico imagina :  
Vê nelles, que não tem amor a mais,  
Que a si sómente, e aquem Philaucia ensina  
Vê que esses que frequentam os reais  
Paços, por verdadeira e san doutrina  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florescente.

CAMÕES.

Aqui se agita o coração e a vida  
Do grande imperio, na cidade esplende  
Que desde as serras em um molhe unida  
Ao mar de Guanabara o vulto estende.  
Aqui está a séde da nação erguida,  
O progresso dos povos d'aqui pende ;  
Mas a luz que a politica derrama  
As vistas não aclara, o peito inflamma. (1)

Aqui paraste, Fabio. O reboliço  
Do povo, do commercio, da riqueza  
Deslumbrou-te um momento :—ao bom noviço  
Move do claustro a pallida tristeza  
Emquanto o bucho colossal, massiço,  
A refohada, perfida torpeza.  
Do frade não divisa e a corrupção  
Que se occulta na reza e cantochão.

Aqui paraste. Os sonhos de tua alma  
Eram da patria a gloria e o futuro :  
Ver o chefe do estado a verde palma  
Da liberdade defender seguro ;  
Da paz e da concordia em doce calma  
Ver o povo beber o alento puro ;  
E a honra da nação n'outro emispherio  
Dar clara copia do soberbo imperio.

Sonhaste ver o merito acatado,  
A virtude e o saber tocar o louro,  
O trabalho do pobre aceito, honrado,  
Valer o brio mais que o proprio ouro :  
O direito um paladio respeitado,  
O amor da mulher mago thesouro.  
Mas o véu da illusão que o peito afaga  
Dura realidade fende, rasga.

O sonho, as illusões ! Aereo canto  
Que da existencia as dores adormece.  
Odorifero vale, e o verde manto  
De mil brilhantes flores se entretece ;  
Aureo palacio de magia e incanto  
Onde uma fada branca amores tece,  
Harpa que em noite azul os sons derrama  
E doces votos n'alma acorda, inflamma!

O sonho, as illusões ! Lisa corrente  
Que aos echos da floresta os sons mistura,  
Imagem que ao luar no céu pendente  
No ar balança a nitida figura,  
Batel que singra os mares docemente  
Buscando as rozeas plagas da ventura.  
O sonho, as illusões ! Oh ! desde a vida  
A fallaz ironia ao peito unida !

Inteiro se envolveu na vida activa,  
No aspero vaivem d'esta cidade.  
Estudava o commercio, a fonte viva  
De todos os progressos d'esta idade.  
A riqueza do povo vio captiva  
Na bolsa do banqueiro sem piedade.  
As finanças e o credito do estado  
Dubios penderem do querer do fado. (2)

E vio a industria com as mãos prendidas  
E os pulsos roxos com as bronzeas pêas  
As azas sacudir, querer partidas  
As insensatas, perfidas cadêas ;  
As fontes das riquezas esquecidas,  
Pulsando inquietas as fecundas vêas ;  
Da futura opulencia a roda ingente  
Ao lado do motor jazer dormente.

Da nação a milícia ativa e brava  
Que em mil combates nos defende o solo.  
Do governo aos decretos pende escrava  
Em torpe jugo o sobranceiro collo ;  
E a mão profana, cavilosa e prava  
Nas urnas populares tece o dolo,  
E a sublime assembléa dos eleitos  
Ao voto livre paga, rende preitos. (3)

E vio a nova geração infante  
Em profunda insciencia mergulhada.  
Do espirito a luz, alma, brilhante  
A'quellas fronte puras não é dada.  
A força que o saber infunde oyante  
Nos peitos da nação não foi plantada,  
Espessa treva aos votos do futuro  
Ergue sombrio, impenetravel muro. (4)

As artes sem vigor, frias levando  
Os tardos passos n'uma senda escura,  
O genio antigo os evos devassando  
Não revive no marmor, na pintura :  
E a bella inspiração triste chorando  
Pallida busca o chão da sepultura ;  
O grego escopo, o italico pincel  
Deram lugar à brocha, ao alvanel.

A deusa da poesia bella outr'ora  
A' sombra dos loureiros divagava,  
E no vale de Tempe á fresca aurora  
Amoroso descante ás auras dava ;  
Aos ais da fonte que no luco chora  
Seus suspiros e queixas misturava,  
E das montanhas na sombria gruta  
Os accordes da lyra a noite escuta.

No furor da batalha a mão erguia  
Ao troar da peleja ardente e fera,  
E a frente marcial do heroe cingia  
De mil corôas de virente hera :  
Na tragedia, sublime, em pé surgia.  
Na face a pallidez, a voz severa,  
E os fastos da nação abrindo, a historia  
Desvenda do passado, a honra, a gloria.

As vezes sobre os tumulos vagando  
Arrasta ás negras vestes lastimosa,  
Álguem ente querido está chamando,  
Alguem sombra de mulher formosa,  
E nas azas do Dante vai-se alando  
A' região dos mortos pavorosa:  
E lá das almas no sombrio imperio  
Audaz sorprehende o horrído mysterio.

Aqui, oh Deusa, á copa dos coqueiros  
Raros cultores cercam teus altares ;  
O poeta dos indios forasteiros  
Dorme sem vida nos profundos mares ; (5)  
O moço monge á sombra dos mosteiros  
Já não fere o láude dos pezares ; (6)  
E o genio a quem devora amargo afan  
Pende tambem da vida na manhan. (7)

Aqui por impias mãos pelos bordeis  
Arremessam-te nua e sem pudor,  
Os sacerdotes teus, teus menestreis  
Buscaram na lascivia o teu amor,  
E a virgem candidez dos teus laureis  
Nas orgias rasgaram com furor,  
De teu aspecto a mágica belleza  
Transfiguram na imagem da torpeza. (8)

Salve o cantor do genio aventureoso  
Que do oceano os terminos quebranta,  
E d'entre a escuridão do abysmo undoso  
Ignaras terras, povos alevanta.  
Salve do vate o metro sonoro,  
A voz altiloquente com que canta.  
So o Nauta á Iberia um mundo novo entrega  
Outro o poeta á patria absorta lega. (9)

As entranhas dos mares feios, rudos  
Com sabia mão sublime devassando,  
Magicas scenas no deserto mudo  
Aos olhos affuscados vai mostrando ;  
Terrificos dragões, monstros sanhudos,  
Que o pego aborta, assomam trovejando.  
Do bello eterno a copia peregrina  
Surge na imagem da mulher divina.

O grypho alado que no abysmo vòa  
E o sol com as negras azas tem occulto ;  
O cherubim de luz que no ar rebôa  
E do monstro infernal abrasa o vulto ;  
A queda horiênda com que o espaço trôa  
E no pego revoltô o faz sepulto,  
O cego de Albion jámais sonhara  
E o vate que o Messias decantara.

Salve o cantor da virgem natureza,  
Da verdejantê, americana terra,  
Do céu, das flores, da eternal belleza  
Que das florestas prodigo descerra,  
Da barbara nação que na aspereza  
Dos ermos taciturnos vive e erra.  
Salve, cantor, na terra do cruzeiro  
Agora fulgirás, — novo luzeiro.

Com teu ingente esforço não abalas  
Da patria geração os duros peitos.  
A critica vendeu-se, e em ricas salas  
Com ares de truão faz mil tregeitos;  
Da vesga sevandija as torpes fallas  
Ao merito esquecido negam preitos,  
E aos pés de tortos idolos a imprensa,  
Erguidos os thuribulos, incença. (10)

Frio desgosto ao moço a face cobre.  
A politica veio trefega, astuta,  
No semblante ardiloso um riso dobre,  
E a liberdade na terrivel luta  
Por uma idéa gloriosa e nobre  
Ora altiva se ergue, outr'ora nuta.  
Fatal descrença os povos tem lavrado. (11)  
Quem regerá seguro a não do estado!

Do erario do povo a gorda vœa  
O governo lacera e traz aberta,  
A familia feliz chama, e ratêa  
Os cargos da nação bem como offerta.  
Dos cabos de eleições o peito arrêa  
Porque esplende victoria conte certa,  
E os deputados que a tribuna pejam  
Independencia virginal trovejam. (12)

A realeza com audaz desplante  
No governo do povo ingere a mão :  
Insidiosa, ás vezes no semblante  
Lhe reçuma o amor do coração,  
Ás vezes sem reserva, petulante  
Dilacera os decretos da nação.  
A realeza ! que a sabor o povo  
Abate, eleva sobre um throno novo ! (13)

A realeza nos salões dourados  
Nobreza e fidalguia espalha a rôdo.  
Ser lacaios do rei e seus creados  
De fatuos imbecis é hoje engodo ;  
No venturoso beija-mão vergados  
Despem o brio, rojam pelo lodo.  
Astro de luz, soberba divindade,  
O ceu te ampare o etherea magestade ! (14)

Do galardão, que a sabia lei primeira  
Ao saber, á virtude consagrara.  
Abrio-se a despejada, grande feira.  
E a riqueza indolente ao peito o alçara.  
O servilismo, a adulação rasteira  
Das fardas no lavor o engastara.  
E agora o premio que a valor vestia  
Cobrem de apupo, escarneo, zombaria. (15)

Bastarda patria!... Mas, eu por diante  
Não vou neste rimar que me atordôa.  
Parece que n'um sonho diante  
O pensamento transviado vôa.  
Parece que no mar navego errante,  
O leme já partido, o barco atôa.  
Evoco a musa, não essa carranca  
Que as alegrias para longe espanca.

Evoco a musa do praser, sorrindo  
D'esta alma o frio acorde n'um desejo.  
Estas sombras de dor, ah! venha abrindo  
Algum ser ideal em brando adejo.  
Sequer um sonho feiticeiro, lindo,  
No seio me deponha um doce beijo,  
Quebre da lyra a corda austera e dura,  
Abre-me a face um riso de ventura.

Um riso, sim, que a vida é tão amarga  
E o doce mel do riso a dulcifica,  
Que este peso importuno só se larga  
Na terra aonde as tumbas se edifica.  
Ahi tambem, deposta a morta carga,  
Às vezes sobre a boca um riso fica,  
Ironia ou desprezo importa pouco,  
Corra em meus labios, danse, folgue o louco.

No paço do senado eu vi um dia  
Entrar uma figura grande e nedia,  
Tiara ou c'róa a fronte lhe cingia,  
Na mão tinha uma vara mais que media :  
Toda inteira de meia se vestia  
E um cordão ao pescoço, quasi redea :  
Tunica de ouro solta de revés  
Das costas lhe descia alem dos pés. (16)

*Quid?* Pergunto : se a assembléa agora  
Dos patricios do povo se congrega,  
Porque vem este bufo lá de fóra  
Nos fazer agua suja, alguma entrega ?  
Mago será talvez, mandem-no embora,  
Tenho por certo peça se nos prèga.  
Chiton ! que os padres se ergnem, curvatura !  
Lá vai sentar-se a comica figura.

Então eu vi um venerando ancião  
Dirigir-se ao lunatico (presumo).  
Este conheço bem, um medalhão  
Que em todas as politicas vê rumo,  
Que já no velho tempo em sua mão  
Do supremo governo teve o prumo,  
Foi soberano outr'ora, é grão visir.  
O rei sempre a chamal-o, e elle a ir.

Vagaroso se chega, e se envergando  
Aos pés do estafermo pára, estaca ;  
E beato, coitado! ajoelhando.  
Um bilhete, um papel nas mãos lhe ataca.  
E' brucho, sim, um vaticinio infando  
Dessa carta por certo desensaca.  
A boca abrio, um som de charamella  
A todos atordoa. Oh! que esperrella !

Eu quiz me rir, porém fechando a cara!  
Toda attenção prestei ao tal escripto.  
Resava :—que o paiz que sempre amara  
Ostentava progressos como o Egypto,  
Que o timão do governo confiara  
A grupo em governanças mui perito,  
Que as leis fundamentaes e as leis sem fundo  
Faziam venturoso a todo o mundo.

Fallava em que chovera em taes sertões,  
Que houvera grande secca em outros taes.  
Que faltavam batatas e feijões,  
Banana, milho, emfim cousas iguaes ;  
Mas que o sabio governo sem senões  
Por um de seus *avisos* (17) paternaes  
Ia chuvas mandar e tal bastança,  
Que poria de todos farta a pança.

Dizia que na paz mais saborosa  
Com as outras vivia esta potencia,  
Que a frente da nação sempre orgulhosa  
Nunca se abaixa, mostra sim prudencia,  
Que quanto aquella guerra sanguinosa  
Que do cacique pune a insolencia,  
Vai-se vivendo, é velha enfermidade,  
Demais, isto pertence á magestade.

Que as livres eleições correram bem,  
Que mortes e facadas são mentiras,  
Cachações pode ser, não sabe em quem,  
Talvez n'alguns matutos, caipiras,  
Que com isso o governo nada tem,  
E nem se enrola cá nessas embiras,  
O que quer é a lei dos orçamentos,  
E que a respeito sejam pouco lentos.

Preciso de fundir canhões raiados,  
Comprar facas e fources e chicotes,  
Monitores, navios couraçados,  
Preciso de soldados aos magotes  
Para punir os planos arrojados  
De quem de sinhá moça quiz os dotes.  
Pois a nação não soffre que se maugue...  
Tal, *et cetera*, emfim, e corra sangue.

E para concluir esta abertura,  
Parlamento dignissimo, declaro  
Que para vossa gloria e inor ventura  
Um principe nasceu, nem isso é raro.  
Que na teta do fisco com fartura  
Mame mais este. não sejaes avaro.  
*Anem !* responde a multidão augusta,  
E foi-se o esquisito—cousa justa.

Mas disse-me um sujeito : — annualmente  
Aqui se reproduz a patuscada.  
Que tal lhe pareceu ? — Oh ! certamente  
Não é melhor do que isto uma pitada . . .  
O estomago dóe-me de repente,  
E acordo sobre a cama desmanhada,  
Sonhava. Antes que em bichos e combates,  
Sonhar em frioleiras, desparates.

---

### CAPITULO III.

Et reversi estis, et commaculastis nomen meum; et reduxistis unusquisque servum, et unusquisque ancillam suam, quos demiseratis ut essent liberi et suae potestatis : et subjugastis eos ut sint vobis servi et ancillae... ecce ego praedico vobis libertatem.

JEREMIAS.

Era no campo. Ao pé das empinadas  
Negras montanhas que alto suspendiam  
As folhutas cabeças desgrenhadas,  
Os vales verdejantes lá se abriam.  
Aqui, além em ruas alinhadas  
Melancolicas choças se estendiam,  
E na colina habitação formosa  
Entre mil flores dorme descuidosa.

A noite estava bella. A noite, incanto  
Das almas tristes que a soidão ampara,  
O seu azul e estrellado manto  
Na silente campina desdobrara.  
Das agoas e das folhas doce canto  
N'uma vaga harmonia aos céus voara.  
Oh ! quem nessa hora á sombra do arvoredo  
De amor ouvisse um timido segredo !.

Oh ! Deus ! na solidão gritos pungentes  
Quebram da noite a placida harmonia.  
E lamentosas vozes recrescentes,  
De dôr mortal revelam a agonia :  
E um riço som de lategos batentes  
Aos brados luctosos se envolvia !  
Longo o supplicio foi. Surdos gemidos  
Tremem no ar agora entre ais doridos.

A noite é calma. Nos tranquillós céus  
Parece que a voar vaga chorando  
Uma incerta visão, funereos véus  
Cobrem-lhe á face o aspecto venerando.  
Sombra da liberdade; aos pés de Deus  
O teu tormento verte miserando.  
Impia mão lacerou-te a imagem pura,  
Morta jases aqui na sepultura.

Mas no umbral de uma choça, vacillante  
Assoma um vulto d'homem : — torvo olhar,  
Vestes fendidas, seio palpitante  
Onde o sangue a correr se vê brilhar.  
Ao campo sahe, e o passo titubante  
Move caminho á matta secular.  
Eil-o que passa, e como sombra estranha  
Desparece nas fragas da montanha.

Alma penada és tu? Ah! porventura  
Nas agoas espumosas da torrente  
Vaes teu sangue lavar, e a dôr sem cura  
Do roto seio, com a voz plangente,  
Ao tetrico mysterio da espessura  
Pedir um lenitivo que adormeça?...  
E pavidamente no ar arfando  
Amortece da noite o brilho brando.

Passaram-se dous sóes, A luz da aurora  
Da virgem matta as copas já dourava,  
E a doce viração que a flôr namora  
Mil ondas de perfume aos ares dava,  
E ao raio creador do sol agora  
A vida desses campos pullulava.  
E na colina habitação formosa  
Entre folguedos ri-se descuidosa.

Em pé de edificios na fachada  
De um cavalleiro á voz dura e funesta,  
Absorto um velho pende: — Á madrugada  
Passando pela serra, na floresta  
Um susurro escutei, qual se amoitada  
Caça sem conto lá folgasse em festa:  
Internei-me na matta escura e densa,  
Parando além numa clareira immensa.

Ao penetrar alli, corvos em bando  
Batem as azas com um grão ruido.  
E neste impulso, a um galho balançando  
Um cadaver eu vi de um páo pendido,  
E os abutres nas arvores pousando  
Desferem rouco, rispido grasnido ;  
Devoravam o morto, á face e ao peito  
Negros buracos punham-no desfeito.

Contudo o conheci. Esse malvado.  
Sabeis, senhor, quem seja, alma assassina  
Que impotente ao desforço desejado  
Voltara contra si a mão ferina.—  
— Para, lhe diz o velho em tom pesado,  
Não sei que dura sorte ou que má sina  
De perto me persegue ! Infame casta !  
São dous contos perdidos. Vai-te, basta.—

E lá ficou na selva das montanhas  
Do enforcado o putrefacto vulto :  
As aves carniceiras nas entanhas  
Famintas o enterram. Jaz sepulto.  
E de noite ao luar visões estranhas  
Passam alli chorando o escravo inulto.  
Nem a cruz do Senhor no ermo alçada  
Estende os braços para a branca ossada. (18)

Oh patria, cubiçosos de ouro um dia  
Teus filhos se desfaldam no oceano.  
Um genio máu, uma hedionda harpia  
No intino lhes muda o ser humano :  
Negra peçonha que em seu sangue cria  
Nalma lhes verte com furor insano ;  
E sobre as costas d'Africa sedentos  
Os famelicos lobos lança aos centos.

Voltam as naves. Na soidão dos mares  
A' noite as ondas clamam lastimosas.  
E ao triste som se travam pelos ares  
Vozes humanas a gemer chorosas.  
E surdas afficções de agros pesares  
A medo após se axhalam suspirosas.  
Ao maritimo vento as velas andam  
E as regiões occidentaes demandam.

As negras náos semelham grypho horrendo  
Com as brancas azas sobre o mar pairando  
Veio de longe clima, e o céu varrendo  
Estende o collo, á briza resfolgando :  
No farto bojo traz iuda tremendo  
Entre a vida e a morte a presa arfando ;  
No calmo senho um jubilo maldito  
Em vivos traços se mostrava escripto.

E vem as náos. Alli, á pôpa, á prôa  
Esfarrapada multidão abunda :  
E nos porões a turba se amontôa,  
Quaes bestas féras numa furna immunda ;  
E confuso alarido ferve, sôa  
De gemidos e ais que os céus inunda,  
Mas do senhor e açoite fére cégo,  
E as carnes golpeando, ha paz, socego.

Os flagellos, a fome, a sede, os frios  
O aspecto humano aos tristes demudaram ;  
Em pé se elevam magros e esguios,  
Quaes espectros que ás tumbas se exclamaram ;  
Das mãis aos peitos seccos, doentios,  
Os sedentos filhinhos se finaram.  
Medonha vista ! o coração fallece  
E o curso da razão a dôr empece.

A cáfila das náos ao porto ancora  
Na terra do cruzeiro, e a carga lança  
Em linhas posta pela praia afóra.  
Dos mercadores o tropel se avança.  
Qual ascolhe d'aqui, d'ali agora,  
Qual compra a mãi que ao filho se abalança,  
Qual motejando exclama—oh ! que bugio !  
E ao dono inquire se será bravio.

Depois em varias *pontas* divididos  
Partem-se os negros com os seus senhores,  
E nas publicas praças estendidos  
Mudos aguardam novos compradores ;  
Ou a partes longinquas são vendidos,  
E dão-lhes por senhor os lavradores.  
Aqui de antes da aurora ao pôr da noite  
Cavam a terra sob rijo açoite.

Os tempos vão assim. A lei um dia  
O deshumano trafego defende.  
Mas o cruzeiro do bretão vigia  
Nos vastos mares onde o vôo estende  
E porque puna a trefega ousadia  
Dos traficantes, os morrões accende,  
Os portos varre, e a presa fugitiva  
Aborda, toma, invade e traz captiva. (19)

E o docil collo verga esta nação  
Ao despotico *bill*, á lei estranha, (22)  
E o auriverde, altivo pavilhão  
De vil afronta em negro lodo banha.  
Oh ! nem o sangue afflue ao coração  
E de um santo furor a serpe assanha !  
O leopardo feroz ri-se altaneiro  
Das momices do mono brasileiro.

Desceste muito. Da nação iniga  
Se o brutal poderio braço a braço  
Arrostar não podias, mão amiga  
Jámais deveras dar-lhe em doce laço ;  
O bretão mensageiro em ti se abriga.  
E sorrindo lhe expandes teu regaço,  
Tal pune o turco a escrava em seus furores,  
E ella entre beijos dá-lhe os seus amores. (23)

E jaz aqui plantada a escravidão  
Como raiz de tronco millenario,  
Que desarraigá só negro tufão  
Quando o mundo percorre em seu fadario ;  
Na frente o nome traz—revolução—  
E os pés esmagam o poder nefario.  
Os tyrannos então tremem de horror,  
E luz divina espalha almo fulgor.

O povo um dia lavará com sangue  
A mancha negra que o paiz afeia,  
A seita escravocrata quasi exangue  
Na funerea agonia trepe, aneia.  
Se agora o negro na miseria languê,  
Amanhã despedaçá a vil cadeia.  
Eia ! do Estado americano a historia  
Altiva e nobre nos aponta a gloria.

Mas o numem augusto, santo, unguido  
Que os destinos da patria rege e guia,  
De Santa Cruz nos campos traz prendido  
O escravo á dura terra noite e dia ;  
O corpo inteiro quasi nu, despido,  
Mal uma tanga a cinta lhe envolvia ;  
A mão pedinte estende ao estrangeiro :  
— Dai-me por Deus, senhor, algum dinheiro. (21)

Ah! quanta vez á margem do caminho  
Eu vi os pobres, tristes esmolando ;  
E quanta vez meu obolo mesquinho  
Tirei da magra bolsa e fui-lhes dando !  
No peito me passava um duro espinho,  
Um desgosto profundo a alma ralando.  
Sublime emanção da divindade,  
Pague-te o Christo a pia caridade.

E foste o mesmo que da Europa inteira  
Aos generosos, liberaes reclamos  
A palavra empenhaste pregoeira  
Da abolição que nós o povo amamos.  
Mas hoje essa promessa lisongeira,  
Nesta quadra infeliz porque passamos,  
Nos planos do governo ao parlamento  
Não vai, sumio-se, foi-se como o vento. (22)

Não de ti, do paiz, rirão mofando  
Do mundo inteiro as liberaes nações ;  
E nós, povo de servos, devorando  
O sarcasmo cruel entre afflicções !  
Talvez que nestas praias trovejando  
A logica potente dos canhões  
Arranque do governo o que a verdade,  
A calma e sã razão não persuade.

Mas Fabio o moço generoso e nobre  
A alma embebida traz nestes pensares.  
Tem rico patrimonio, mas é pobre  
Como o que nasce preso a mil azares.  
Um véu sombrio o coração lhe cobre,  
Bebe na taça de cruéis pesares ;  
Amassada com sangue, dôr e pranto  
A paterna opulencia amarga tanto !

— Eu não ostentarei o fasto altivo,  
Nem á moleza lançarei meus dias  
Fruindo esses thesouros que o captivo  
Para mim amontôa entre agonias.  
Um sarcasmo feroz e repulsivo,  
Vertendo a boca amargas ironias,  
Em meus olhos passara, lá parando  
Qual feia sombra de sorrir nefando.

Adoro a liberdade, santo culto  
A' virtude e a Deus alcei no peito ;  
Jámais da consciencia o duro vulto  
Pragueije á noite junto do meu feito.  
A justiça eternal um torpe insulto  
Não brota esta alma,—adoração e preito.  
Ah! quando morto, a voz da natureza  
No céu module um hymno de tortura.—

Da cidade partio, caminho vai  
Galgando o viso de elevada serra,  
Da noite a sombra pelo ar se esvai,  
E a luz da aurora nos espaços erra ;  
A branda viração dos mattos sai  
E as azas perfumosas no ar descerra ;  
A' voz das aves, ao chorar das fontes  
Tremem, de gozo os echos d'esses montes.

Além na fracissima planura  
Soprehende a Fabio aspecto lastimoso :—  
Gente sem conto com a côr escura,  
Dos feitores ao relho rigoroso,  
Trabalha sem cessar a leiva dura  
Em profundo silencio temeroso.  
— Louvado seja o Christo!—em voz sombria  
Ao ver o moço a multidão dizia. (23)

De chofre acerba dôr a alma lhe invade  
Como golpe de ferro açacalado.  
O Christo ! Sim, archanjo da piedade,  
Tu, lenitivo, luz do desgraçado,  
Divino resplendor da liberdade,  
Fonte do amor, da paz, oh ! sê louvado.  
A ti se eleva o coração afflicto  
Do triste escravo no pungente grito.

Ah ! de onde veio ao miserando escravo  
A saudação de dôr que ao Christo envia ?  
Gerou-se n'alma no amargoso travo  
Do fel que súa o peito na agonia ?  
Do primévo senhor beato e pravo  
Quicá repete o escarneo, a zombaria !  
Assim os filhos de Sião sujeitos  
Bemdzem Jeovah, rendem-lhe preitos.

E Fabio foi além. Traçado houvera  
No grande coração do escravo a sorte.  
Surrindo a liberdade ver quizerá,  
Quebrados os grilhões do sul ao norte.  
A livre immigração já bem podera  
Pullular no paiz, fazel-o forte.  
Unica base que porá seguro  
O edificio da patria no futuro.

As retrogradas leis de compressão  
Que aos povos arrebatam a liberdade,  
Dos códigos se rasguem da nação,  
Difunda-se no caos a claridade ;  
O direito de voto e cidadão,  
O patrio culto, o preito a divindade  
Não se negue ao estrangeiro, e de outros mares  
Os filhos buscarão os nossos lares.

Assim pensava o moço. A escravatura  
Nos pateos da fazenda congregando :—  
Aqui se acaba a vossa desventura,  
Olhai que doce luz já vai raindo.  
Por mim da patria a voz, a da natura  
A doce liberdade está vos dando.  
Lavrai a terra, é vossa,—e que inda eu veja  
Fazer o Estado o que a nação deseja.—

E d'ali se apartou. Com grão ruído  
A multidão feliz o busca anciosa.  
— Ouvi, senhor, o pranto commovido  
Que a alma em delirio verte venturosa ;  
Um archanjo de Deus do céu descido  
Não volta esquivo a face luminoso.—  
Mas d'ali se apartou,—assim luzindo  
Passa de noite um meteoro lindo. (24)

## CANTO IV.

Olhai que ledos vão por varias vias  
Quaes rompentes leões ou bravos tórtos,  
Dando os corpos a fomes e vigias,  
A ferro, a fogo, a settas e pelourós.

CANÇÕES.

Ao som do brado que do sul ao norte  
Os filhos da nação erguera á guerra.  
Pulsou-te o coração no peito forte  
A' afronta arremessada á patria terra.  
E lá te foste em marcial cohorte  
Que da plaga inimiga a costa aferra.  
Voluntario da patria, á luz da espada  
Abrirás da victoria a larga estrada. (25)

44  
Mas levas n'alma a dôr de uma saudade  
Que ali plantou-te a mão de casto nume....  
Era uma noite :—O campo, a soledade  
Das estrellas do céu banhava o lume,  
E dos jardins naquella amenidade  
Suave habitação goza o perfume,  
E tu ouviste envolto em triste aneio  
Voar teu nome de inflamado seio.

Amor! Oh Deus, o que seria a vida  
Sem a louçura da paixão? Que val?  
No seio branco da mulher querida  
Beber em beijos filtro divinal!  
Na chama dos olhares consumida  
A alma em delirio desmaiar mortal!  
Thesouros, glórias, thronos e tropheos  
Queimara rindo, fôra mais que um Deus.

Pallida virgem, magica figura  
D'entre as flores surgio; para espectanté.  
— Anjo ineffavel, Cora, esta aventura  
Quasi me prende a voz no peito anciante.  
Um presentir de dôr e de amargura  
A alma tocou-me, e d'alma está diante.  
Não que eu tombe ao troar do ferro ardente,  
Mas outra cousa que me escapa á mente.

Do mundo ingrato o hafo assolador  
Não me varreu do coração dous nomes:  
Pela patria e por ti, por teu amor  
Perigos bemdirei, miserias, fomes.  
Se parto além ao bellico fragor  
Não corro após as glórias, os renomes,  
A negra injuria que a nação devora  
Dóe-me, e na face o sangue me acalora.

E voltarei. Oh ! dê-te alino conforto  
O fogo estreme que em teu seio brilha ;  
Nem se apague jámais, cahira morto  
Como o cedro em que o raio abrisse a trilha.  
— Se Fabio torna em vida ao patrio porto,  
Nas aras do Senhor dou-lhe esta filha. —  
— Que um dia eu colha o voto paternal  
De teu amor na rosa virginal. —

— Parece que em tua alma geme e chora  
Uma visão que passa triste, aziaga.  
Por Deus, oh Fabio, a chamma que aqui mora  
Na ausencia mais se ateia, não se apaga.  
Sem ti do meu amor a doce aurora,  
Cahida em sombra, a face em pranto alaga.  
Dá, Senhor, que elle volte. — E delirante  
Pendeu nos braços do feliz amante.

Amargo transe ! A' voz da despedida  
A dor no coração o sangue esfria  
Bem como se a alma abandonasse a vida  
Ao duro choque de horrida agonia. . .  
Bate o momento da fatal partida,  
Mas o extremo amplexo inda os prendia . . .  
E ouviu-se ali voar nos mudos céus,  
Entre ais e beijos, este nome—adeus. —

Passou-se. Agora a mão de incerto fado  
Para bem longe arremessara o triste.  
De Uruguayana o facto decantado  
Em frente aos batalhões tranquillo assiste.  
E vio o bellicoso heroe do estado  
Em meio aos cortezãos, binoculo em riste,  
Esperar que o famelico inimigo  
Abra da praça a porta ou o postigo.

Se lá não fôras, rechonchudo Marte,  
Não contara o paiz esta victoria,  
E nem se vira o bom padre Duarte  
Dar o braço a um barão, passar á historia ;  
Do cofre das teteias grande parte  
Fazer de eunuchos de palacio a gloria.  
Brilhe em n'ossos tropheus Uruguayana  
Qual n'um banquete um cacho de banana. (26)

Além, além. A noite era trevosa  
E a tropa sob as armas já dormita.  
Eia ! de chofre turba numerosa  
As trincheiras escala em feia grita.  
Na Ilha trôa briga pavorosa,  
E em duros golpes o immortal Cabrita  
Ao rio lança os poucos invasores  
Do ferro e fogo escapos `aos furores. (27)

Mas tu, valente, já ceifado o louro,  
Tombaste morto á balla traiçoeira ;  
E lá contigo o perfido pellouro  
Nos teus bravos abriu vasta clareira. (28)  
No livro da nação em folha de ouro  
Diga teu nome a fama pregoeira.  
Aos heróes desta noite de façanha  
Honra, entre os nossos e na terra estranha.

A guerra proseguia. Alvejam tendas  
Do vasto Paraná na immensa riba.  
Commanda Osorio o héroe das legendas  
Em quem a gloria da nação se estriba.  
Cumpre a onda passar, vencer contendias  
Onde seu braço os batalhões derriba,  
Pisar a terra da nação imiga,  
Nas densas mattas ateiar a briga.

Em torno ao chefe a multidão armada  
Do grande rio atira-se á torrente,  
Do general a flammejante espada,  
Estrella conductora, brilha á frente.  
Do rio o genio, a face demudada,  
Na fria lapa occulta-se tremente ;  
A mão que horrores entre as agoas tece  
'Aquelle estranho arrojo se entorpece.

Ozorio passa, e sopesando a lança,  
Calca primeiro a terra do inimigo ;  
Um punhado de bravos toma, avança  
Na campina erriçada de perigo ;  
A' margem dos banhados se abalança  
Pelo ermo sombrio e sem abrigo :  
Leão que a fome assanha, busca a preza  
Aqui, além na pavida deveza. (29)

E desde essa hora retravou-se a luta  
Com duplicado bellicoso ardor.  
O paraguayto pertinaz disputa  
Palmo a palmo o terreno, com valor ;  
Mas a espada do chefe nunca enxuta  
Do sangue inimigo, em marcial furor  
As hostes rompe, e deixa em sua esteira  
Mortos sem conto envoltos na poeira.

Um dia assoma no horizonte escuro  
Sombria multidão posta em batalha,  
As linhas estendidas como um muro  
Vinham deitando fervida metralha,  
Um selvagem bradar, horrendo e duro  
D'ali se parte, pelo ar se espalha ;  
Eis mais de um chefe commandando irado  
Os esquadrões do dictador armado. (30)

Dia medonho ! Oh patria, aos filhos teus  
Os peitos batem n'um ardente afogo,  
E o sagrado estandarte erguendo aos céus,  
Enovelados vão no marcio jogo.  
O cavo estrondo do recontro, oh Deus !  
O cataclysmo do tremendo fogo,  
O cahos semelha, mas no cahos lampeja  
Terrível gladio, guia da pejeja.

Ozorio, sempre Ozorio ! a voz erguendo  
No seio aos batalhões o fogo inflamma ;  
A metralha que as linhas vai varrendo  
Maior furor nos corações derrama :  
Ondas que estão no mar ao céu se erguendo.  
Parece a lucta que entre o fumo brama.  
Um nume, um Deus a multidão arrasta  
Até que brade—triumphaste, basta.—

Que barreira haverá que tolha ou dome  
O bravo que a vencer o céu fadara ?  
Ergueste ali, Ozorio, o illustre nome  
Sobre os filhos que a patria laureara.  
O tempo assolador jámais consome  
A gloria que á nação e a si ganhara.  
Eia ! sobre os destroços da contenda  
Planta o verde estandarte, eleva a tenda.

Da briga accesa no cruel fervor  
Tocou-te a balla do inimigo o peito,  
Mas não se abate, Fabio, o teu valor ,  
Nem tens aqui o teu funereo leito.  
De longe trazes no cruento horror  
Da guerra o coração usado, affeito.  
Irás avante, a voluntaria espada  
Aos patrios lares volte laureada.

Já nesse tempo o marinheiro ousado,  
Que o passo ao rio guarda cauteloso ,  
De Lopes o poder naval, armado  
Vio sobre elle cahir impetuoso.  
A' foz do Riachuelo celebrado  
De gloria a patria corôou Barroso ;  
Ao duro golpe a frota desbarata,  
Da subita invasão salvando o Prata. (31)

Aqui se obraram feitos tão subidos  
Que apenas o buril contara a historia :  
Os vapores desciam incendidos  
Hasteando as bandeiras da victoria ;  
E feroz multidão entre alaridos  
Conta por certa antecipada gloria.  
As nossas naves soldadesca horrenda  
Invade, ateia a fervida contenda.

Ali se vio Greanalgh, o bravo jovem,  
Arcar sozinho em gigantesca lucta :  
No tombadilho os inimigos chovem,  
E qual o pavilhão tomar disputa.  
No feroz batalhar o moço envolvem  
De sabre e facas em cadeia hirsuta.  
Foi longa a briga, — já na face em sangue  
A morte o beija, cahe, lá jaz exangue.

Nem foste só nessas acções estranhas  
A' verde idade, ao seculo presente ;  
Lima Barros n'um eito de façanhas  
Erguera o nome á gloria resplendente :  
Tu, soldado Marcilio, o louro apanhas  
Do prelio desigual rompendo a enchente,  
E Pedro Affonso o forte capitão  
Peito a peito detem um pelotão.

Andava assim travada em meio ás agoas  
A briga horrenda, céga e já sem norte;  
Os navios dos bordos rubras fragoas  
Medonhos vomitando, e a rôdo a morte.  
Da patria o genio pranteava em magoas  
Dos filhos da nação a triste sorte.  
Onde a victoria? Do paiz os bravos  
Do rio ao fundo baixarão ignavos!

Bate o momento. Subito se avança  
A não do chefe em meio da batalha,  
Aos vasos do inimigo a prôa lança,  
Deitando os flancos rabida metralha.  
No rijo choque o que primeiro alcança  
Do negro rio envolve na mortalha,  
Qual agora se fende, qual naufraga,  
Qual arde em chammass sobre a rubra vaga. (32)

O genio de Mavorte ali baixando  
N'alma inspirou-te estratagema ignoto.  
Os brados da victoria estão voando  
Dos peitos jubilosos no alvoroço.  
A ti se exalce, vulto venerando,  
Da patria salva agradecido voto.  
Que desta luta na briosa historia  
Fique indelevel de Barroso a gloria.

D'essa longa epopéa a heroicidade  
Mana perene. O passo fragoroso  
De Mercedes, Cuevas rompe, invade  
A patria armada com aspecto iroso.  
No esforço e brio ali a mocidade  
Ergue á marinha monumento honroso.  
No peito imigo a raiva não fallece  
E sobre Itapirú se recrudece.

Ei-los troando pela noite e dia  
Ao pé do muro os vasos de couraça,  
O duello mortal mais se aporfia  
Ao duro combater da erguida praça.  
De parte a parte o pleito rebramia  
Dos rouquinhos canhões á flamma baça.  
Quando a muralha derrocada penda,  
—Basta,—dizeis á fervida contenda.

Penleu um dia, mas a flor querida  
Da juventude que a nação adora,  
O dourado fulgor da rosea vida  
A morte em sangue perfida desflora.  
A alma se empana, a musa entristecida  
Aquelles doces nomes rememora :  
Mariz. ai! tantos, pleiade brilhante  
Nos mares do porvir cantando ovante! (33)

Onde? a que abysmos um furor insano  
Minha pobre jangada arrebatara?  
Não tenho azas com que vá sem damno  
Romper os arês onde a nuvem pára;  
Nem cavalgo corsel ardente, ufano  
Que em chão fragoso sem temor despara.  
Porque, oh musa, como a um cego em trevas  
Por esses precipicios tu me levas?

Andava o tempo e com o tempo a guerra  
Mais vida crea, mais esforço toma.  
Nos combates do rio ou nos de terra.  
Recua o paraguayo, nem se doma.  
Um dia Parto Alegre as alas cerra  
E sobre Curuzú horrendo assoma.  
Bizarro general, máu grado a mina,  
Talas o forte e o cobres de ruina. (34)

Mas entre nuvens da victoria a flamma  
Surge e desmaia, brilha e se escurece.  
A guerra sanguinosa já se inflamma  
Em novo combater que recrudedece.  
O inimigo nas selvas se derrama.  
Em bandos surge agora e desaparece;  
E á margem paludosa dos esteiros  
Cavam-se as tumbas, dormem os guerreiros.

E Fabio sempre no troar da guerra,  
O gladio em punho, se esgrinalda em louro.  
Oh! quanta vez o coração lhe cerra  
Uma visão que bate azas de agouro!  
Profundo espinho n'alma se lhe enterra  
Lembrando Cora, o divinal thesouro;  
E amargo nojo vai lhe dando a luta  
Que a vontade do povo já refuta.

Por minha parte ponho aqui um ponto,  
Que para um canto tenho assaz escripto,  
Accrescendo que me acho um pouco tonto  
Do fumo do combate, e o peito afflicto;  
Demais, por ir tratar no que além conto  
Dos feitos de um heroe illustre, invicto,  
E para metter mãos a este intento  
E' justo que respire e tome alento.

## CANTO V.

Populas me sibilat : at mihi plaudo ipse domi.

(HORACIO SAT.)

Mas, até onde a luta proseguido  
O termo encontrará que o povo preza !  
As propostas de paz do imigo, rindo,  
Com torto olhar se encara e se despreza (38).  
O proprio estranho officioso ouvindo.  
A catadura imperial se enfeza, (39)  
— Avante !—rosna, um general não visto  
Lá mandarei, e acabará com isto.

De fianco então a marcha portentosa  
Começa, e recomeça e vai andando.  
Querem cercar Humaitá famosa  
Que o poder inimigo está guardando.  
Com tactica sublime e numerosa  
O grande general hi vai varando.  
Contornêa de longe. pára, espia,  
Não é chegada a hora da porfia.

Serena e branda aranha, quantos annos  
Levaste a urdir a planejada teia  
Que devia enrolar, segundo os planos,  
O cacique e os seus n'uma cadeia ?  
Disseste ser a toca dos maganos  
Qual ratoeira de ratinhos cheia,  
Tão arrolhada a fortaleza estava  
Que nem mosca ou mosquito n'ella entrava.

E lá ficaste sempre na esperança  
De que o selvagem dêsse a mão a bolos ;  
Mas em distancia, a marquezia pujança  
Temia com rasão alguns carolos.  
Do estado maior cercado. <sup>o</sup>avança !  
E olhavam todos com olhar de tolos.  
Da guerra a experiencia, a longa idade  
Prescrevem o contrario, isto é verdade.

Novo Fabius *cunctator* ! Bradem loucos  
Contra a prudencia de que dèste exemplo.  
O que fasias tú ? Ouvidos moucos  
Bem como agora ainda te contemplo. (36)  
Se houveram muitos d'estes (temos poucos)  
Já transbordára dos heróes o templo.  
Igual a ti sómente o grão pansudo  
A cuja sombra engorda e cresce tudo.

Igual ou mais ou menos. No teu peito  
Como no d'elle pendem as teteias,  
De teu fardão o campo é bem estreito  
Para as fitas conter com que te arreias.  
Tens, *pater, vitae et necis* o direito, (37)  
Pois corre o sangue azul em tuas veias.  
Tudo ganhaste em lutas de outros dias  
Em Minas, em São Paulo, e em Caxias:

A guerra se delonga, acre censura  
Na pátria se ergue com semblante irado.  
Das finanças exhaustas já se augura  
A ruina geral; luto pesado  
Das viúvas e mãis cobre a amargura;  
O filho, o esposo o abysmo tem tragado.  
Ah! da nação o enthusiasmo, o brio  
Mudou-se n'um desgosto acerbo e frio. (38)

Em marasmo lethal a esquadra dorme  
Em frente aos basteões da praça imiga.  
Eis que em canoas soldadesca enorme  
Aborda os couraçados, ferve a briga.  
A verde palma d'esta luta informe  
Colhe a marinha, o invasor castiga.  
Mas nesse arrojo e n'outro igual se lia  
Que o paraguayos os nossos desafia.

Oh! que era muito! A brasileira armada  
Sente pulsar-lhe o coração no seio.  
A sua heroica historia, laureada,  
Não se descera do perigo em meio.  
Da passagem temida e fabulada (39)  
A' voz dos chefes se desfaz o enleio.  
Cumpra os fogos transpar do molhe ardente  
E os incantos immensos na torrente.

D'aurora ainda a lucida cortina,  
Naquelles ermos tristes não fulgura,  
Mas nas margens do rio e na campina  
Pousa da noite a sombra densa, escura.  
A frota se ergue, envolta entre a neblina,  
As agoas corta, Humaitá procura,  
Na soturna mudez ahí vai sem medos  
Calcando o abysmo, ninho dos torpedos,

Das muralhas sombrias torva a chamma  
Rompe de chofre, os ares incendia ;  
Da torre altiva a bateria brama,  
Semelha a riba curva ignea cadeia;  
Com traça o imigo mil faróes derrama  
E viva claridão nos céus ateia.  
Como cratera de volcão tremendo  
Com feio estrondo ferve o fogo horrendo.

E vai a frota impavida entestando  
Com os negros basteões... Oh! já na frente  
Stá Silveira da Motta avisos dando  
De haver transposto a colossal corrente.  
Bravo ostensor do passo, navegando  
Os tubidos mysterios da torrente,  
O mytho espancas, os encantos domas,  
E qual um semideus, um nume assomas. (40)

D'aurora então a rosea luz, dourada,  
A torva côr das chammas se mistura ;  
E ali se vio, ludibrio á onda irada  
Sem norte um monitor (41) que as náos procura.  
De fogo e ballas convergente arcada  
Sobre ella alveja, abola-lhe a armadura,  
Contra a furia do rio area, disputa,  
Desce, aprôa de novo, roda, luta.

Oh ! quem o gufa ? Uma visão estranha  
Que sobre o pego vai caminho abrindo,  
Que passa envolta no bramir, na sonha  
De negros raios pelo cahos luzindo,  
Que o tumido elemento e o fulvo assanha,  
E affronta os turbilhões calma, surrindo.  
Archanjo es tu, teu berço entre os trovões  
Do summo céu nas fundas regiões.

E luta ainda o barco aventureiro  
Sob a metralha da inimiga praça.  
Da frota o chefe eleva pressuroso  
Signal que o chama. Em vão! Entre ameaça  
A caudal o repelle, impetuoso  
As aguas força, a bateria e passa.  
Quem o dirige? Fragil creatura,  
Maurity, o moço, o genio de bravura. (41)

Oh! te venero! O coração no seio  
Treme de espanto ao proferir teu nome.  
E como te amo! n'um sublime enleio  
Minha alma se estasia e se consome.  
O fogo atroador da briga em meio  
Ungio-te a fronte de eternal renome  
Hercules novo, á voz das multidões  
Caminhas triumphal entre ovações.

Basta de raios, balas e pelouros,  
De fogos a congreve e de granadas,  
Cessem os reboliços, os estouros,  
E tudo que rebenta em estraladas.  
Contemplemos o invicto Matti-Mouros.  
Que mirando as muralhas já furadas,  
Pede a Santa Luzia, a S. Gonzaga  
Que o paraguay deixe a casa vaga.

Suspende, heróe, a tactica famosa,  
Ataca a fortaleza, ou vai-te embora.  
Dá com essa *futrica* em polvorosa:  
Como em pessoa já fizeste outrora,  
Quando em pessoa com a esy ada irosa.  
Em pessoa esperavas cá de fóra  
Que a vista de pessoa tão sisuda,  
Se renda a fortaleza e fique muda. (43)

Suspende, heroe, teu amo em ti confia.  
Se mais evacuações de paraguayos  
Nos paquetes lhe mandas cada dia,  
Receio que elle então entre desmaios,  
Ao venefico effluvio que o inebria,  
Em vez de coroar-se aos marcios raios,  
Feneça até os olhos mergulhado  
Em cousa que tanto é do teu agrado. (44)

Mas não, per Marte! Humaitá temida  
Não tem buraco ou furo, ou venda aberta,  
A mão puseste alli, já intupida  
Que bem o espreitas com a vista experta.  
Escreves para a Quinta :—está perdida,  
Minuto e mais minuto a queda é certa;  
Sem carne ou bacalháo, feijão, farinha  
Morram a fome que esta gloria é minha.

Sim, vista d'aguia ! Porem com patranhas  
Teceu um brucho, orago dos selvagens,  
Taes enleias e traças, certas manhas,  
Que sem haver caminhos ou passagens,  
Pelos ares pregou teias de aranhas  
Por ellas os passando ás outras margens,  
E atraz ficou o egregio capitão  
Em delicias fruindo a evacuação.....

Oh ! porque fora o gladio rutilante  
Do bravo Ozorio conduzir o assalto ?  
Porque deixá-lo no supremo instante  
Quando as muralhas escalava no alto ?  
Quando lutando braço a braço avante,  
Volta-se, oh ! magoa ! e dos amigos falta  
Auxilio invoca, e a douda briga, fera  
Contra immenso poder sustenta, espera ?

Embalde ! Cahem no horrendo sacrificio,  
'A furia das rajadas da metralha,  
As victimas do perfido flagicio,  
Quaes flores que o tufão na leiva espalha.  
Tornas atrás calcando o negro exicio,  
Poucos te cercão, resto dá batalha.  
Trases no ponche um crivo de pellouros,  
E a frente envolta de sanguentos louros.

Mas passaram-se ao Chaco, e lá cercados  
Por nossos batalhões e artilharia,  
'A sombra da floresta entre os banhados  
Quaes leões se bateram noite e dia.  
Rendem-se alguns, mas outros escapados  
'As patrias hostes passam-se a porfia ;  
E o general que já na rede os tinha,  
Mal colhe um bagre, um polvo, uma sardinha.

Mas já bem longe nesta infinda guerra  
Tras Fabio o seio traspasado em dores,  
Banhou mil vezes de seu sangue a terra  
Dos renhidos combates nos horrores ;  
E os queixumes que a patria'alem descerra  
N'alma lhe cavam fundos amargores,  
Essa raiva tenaz sempre crescente  
Não tem-na o povo, nem no peito a sente.

Aos lares volta. Sua fronte altiva  
Não curva do capricho ao mando irado  
Ao orgulho de um só que tem captiva  
A vontade do povo ao jugo dado.  
Traz de seus feitos a legenda viva  
Nas largas cicatrizes do soldado ?  
Pagou-te a honra com justeza a sorte,  
Este,—o só galardão de um peito forte.

Alem, musa, partamos. Resumindo  
Este grão batalhar de toda a hora,  
Vamos para o final caminho abrindo  
D'esta guerra feroz e rugidora,  
Que não tenho de Homero o estro infindo.  
Para feitos cantar que a fama adora,  
E nem de Rabelais o relho ardente  
Para o lombo zurzir de certa gente.

Oh chefe sem igual, contigo Marte  
Em vão disputará valor, façanha.  
Eu vejo bem que já por toda a parte  
Teu nome é typo de guerreira manha.  
Sus! vai alem, e que jamais te farte  
Essa fome de gloria que te assanha,  
Transpõe Itororó, lança por terra  
O feroz inimigo em dura guerra.

E foi, passou, mas já na luta crua  
Não mais os bravos em furor pelem,  
Da ponte o leito negro sangue sua,  
Cadaveres sem conto o leito pejam.  
Então elle passou. Na parte sua  
Nada d'isto se lê, mas se desejam  
Os factos decantar d'essa epopeia  
Bebam d'outra agoa de mais pura veia. (45)

Aqui a Argolo, o exemplo dos guerreiros  
O rubro beijo de um pellouro insulta.  
Mil veses, bravo, em meio dos esteiros  
Em meio á matta que o inimigo occulta,  
Sobre os muros dos fortes altaneiros,  
Nos rasos campos onde a morte exulta  
Coriscando fatal teu gladio d'ouro  
Cegava acervos de brilhante louro.

Mil vezes, bravo, a patria entristecida,  
Que a dor opprime, que o pesar devora,  
Teus feitos memorando, agradecida  
Muda em sorriso a sombra que a descorda.  
Gloria do povo, tua illustre vida  
A furia do pellouro não desflora.  
Venceste, e ainda com a cnaga hiante  
Ao prelio de Avahy passas avante.

Eis que se trava a luta encarnçada  
E as armas troam com feroz fragor,  
E Osorio, o bravo, —a fulminante espada  
Nas fileiras inimigas põe o horror.  
Na campina de mortos alastrada  
Os contrarios se batem com valor.  
Em vão, que ou tombam no destroço horrendo,  
Ou na fuga á floresta os vão varrendo

Cara victoria ! o general brioso  
Da metralha cruel fôra tocado ;  
Por sua vida em torno temeroso  
Pavido treme o chefe e o soldado.  
Mas a morte não era. Ah ! no saudoso  
Ceu da patria querida, e no chorado  
Mimo da esposa, vai a acerba dor  
Curar no extremo do mais puro amor.

Das batalhas o anjo, o peito em fogo  
Busca observar-se em mais carnificiãs,  
De novo ardendo, em sanguinoso jogo  
Tripudia nas Lomas Valentinãs.  
Ali da briga no tremendo afogo,  
No campo, na floresta e nas colinas  
Em feio desbarato roto o inimigo  
Lá nas montanhas vai buscar abrigo

Suspende, musa, o general valente  
Que este feito mandou, mereça ao menos  
De tua harpa gentil um canto ardente  
Aos que já lhe votaste não somenos.  
—A guerra paraguaya impertinente  
Morreu nesses arrochos não pequenos,  
E Lopez n'um capão de matto virgem  
Treme do medo na maior vertigem.

Tem só noventa homens que o rodeiam,  
Mas todos tão magrinhos e fanados  
Que ao mais ligeiro espirro pateteiam  
De meu nariz mavorcio. Desgraçados !  
Como pacas nas tocas se arreceiam  
De que os comam cosidos ou assados.  
Eja ! vamos pegar este macaco  
Que o querô reduzir a trapo, a caco.

Investe rijo pelo escuro matto  
De chamfalho na mão, como um diabo,  
Porém, oh ! dor ! não acha cão nem gato  
Que agarre pela perna ou pelo rabo,  
E' mordido de vespa e carrapato  
Por sua parte á guerra ali deu cabo,  
Então voltando á gloriosa tenda  
Vai escrever sua immortal legenda.

Escreve, que acabada a guerra estava,  
E que a força inimiga é cousa atôa ;  
Que pelas brenhas Lopez divagava ,  
Que não é capitão do matto, é bôa !  
Que certos generaes elogiava  
Pois terno amor lhe votam á pessoa.  
Que está doente, que não teme a *cica*.  
E quer se vir curar cá na Tijuca.

Escreve. E á capital mui lesto parte,  
A capital da terra paraguaya.  
E lá, ouvindo missa... tento ! guarde !  
Segurai-o porque no chão não caia.  
—Um desmaio, lhe diz o homem d'arte,  
Convém que para a côrte presto saia.—  
E partio... alto lá, tira o chapéu  
Que elle traz o commando a Mont'vidéu.

Escreve ainda permissão pedindo  
Para a casa tornaž incontinente,  
E que se não lh'a mandam, rebolindo  
Virá sem mais nem mais e de repente.  
O dito, o feito ; e já lá vem subindo  
Caminho da Tijuca mui contente.  
Arrufos houve, el-rei nosso senhor  
Negou-lhe da visita a regea honor. (46)

Mas por amor do sangue logo escusa  
As faltas censuradas pelo povo,  
Que o heroe marechal severo accusa  
De feia deserçõo, —um caso novo.  
E conforme o systema de que usa,  
Que eu acho muito bom, approvo e louvo,  
Das teteias mettendo a mão no sacco  
Uma c'rôa ducal lhe põe no caco.

Inda mais, attendendo a que ño imperio  
Nãõ ha mais forte peito e mais guerreiro,  
Attendendo a que em todo este hemispherio  
Em *bravura distincta* é o primeiro,  
Lhe pendura na farda um . . . vituperio  
De que se possa rir algum bregeiro.  
Silencio ! que a do rei sagrada capa  
As mazellas encobre, as nodoas tapa.

Musa, suspende. Grande erro, ingrato  
No caminho em que vaes, commettes, louca.  
Se aquelles que o inimigo em desbarato  
Poseram sempre a realeza apouca,  
O marmor toma, esculpe o seu retrato  
E as fronteas varonis de louros touca.  
Ah! mas tãõ alto no sublime adeije  
As asas nãõ levanto, a terra beijo

Ai ! musa, quantos na soidãõ sombria  
Dos ermos; das florestas, dos banhados,  
Lá resupinos sobre a terra fria  
O somno eterno dormem nãõ lembrados !  
Só das esposas pela noite e dia  
Aos doridos lamentos embaçados !  
Estes, sem nome, de que falle a historia  
Deram á patria immorredora gloria.

E quantos outros! vultos sobranceiros  
Que a patria chora com pungente dor,  
Nesta luta fatal sempre os primeiros  
Ardendo o seio em bellicoso ardor!  
Andrade Neves, guia dos lanceiros,  
Tufão medonho a derramar terror,  
Cavalgando na morte, a morte espalha  
Continuo tropejando entre a batalha.

Sampaio a luz dos batalhões do norte  
Que o fado caprichoso anniquilara ;  
Gurjão, Machado que a sedenta morte  
Em milhares de encontro respeitara ;  
Peixoto, o moço, estirpe de Mavorte  
Que o pellouro mil vezes vulnerara ;  
Barreto... Ai ! quantos sob a terra fria  
Dormem dos ermos na soidão sombria !

Basta, senhor. Que o triste luto, a fome,  
O pranto, a viuvez e a orphandade  
São de sobejo para ornar-te o nome,  
Para em glorias cevar-te a magestade.....  
Do pobre povo esta miseria dome  
De tua alma o rancor, a tempestade.  
Mas não, de novo na feroz matança  
Os filhos da nação cruento lança.

## CANTO VI.

Et Germanicus, quo magis agnosceretur, detraxerat tegimen capiti, orabatque: — Insisterent caedibus: nil opus captivis solam internecionem gentis finem bello fore.

TACITO.

Oh! como é doce nesta afflictiva vida  
Andar após uma esperança cara,  
E quando n'alma o homem traz prendida  
Esta só illusão que sempre amara!  
Lampada etherea, magica, incêndida  
Que a estrada do porvir sorrindo aclara,  
De tua luz se a chamma não fulgura  
Tactêa em negro abysmo a creatura.

Após um sonho, uma esperança ardente  
Corria Fabio agora pressuroso;  
Neste clima da patria, azul, ridente  
Vem na fonte beber de infundo gozo.  
Da mulher divinal a voz tremente  
Já cuida ouvir em pranto jubiloso,  
No brando seio, ninho da innocencia,  
Verter as dores da cruel ausencia.

Oh! vai, feliz, no peito já cansado  
Esquece as ambições mortas em flor;  
Varre da mente a idéa do passado,  
Nem busques o futuro,—é negra a côr.  
No regaço do ente idolatrado,  
Pendida a fronte, viverás de amor.  
Celeste premio reservou-te a sorte,  
Que mais aspiras além d'elle! A morte.

Mas já no Paraguay de novo a guerra  
Accende o facho. O dono da nação  
Jurou talar a miseranda terra  
Emquanto ali batesse um coração.  
E porque para a luta lá da serra  
No paiz procurasse um cabo em vão,  
Envia o genro amado, e por prudente  
Lhe manda Polydoro juntamente.

Movem-se as tropas. Do molesto leito  
Onde repousa a macerada fronte  
Ergue-se Ozorio, o generoso peito  
Porque de novo o ferro e o fogo afronte.  
Alma sublime, que este illustre feito  
A historia aos evos soberbosa conte.  
E deveras tornar? Deposta a lyra,  
A musa embevecida te admira.

Nem passo além ao fumo da batalha  
Sem que n'um doce heroe toque primeiro  
Diplomata gentil que entre a metralha  
Governos constitue muito lampeiro.  
Das mesas dos banquetes na toalha  
Trophéos conquista ao povo brasileiro,  
Passa a vida escrevendo da campánha  
Que houve combate e gado se arrebanha.

Mas como posso a tuba bellicosa  
Embocar inda agora nesta altura,  
Se sinto a musa já tão preguiçosa  
Para inteira metter-se em tal fundura;  
E se já ouço a multidão gostosa,  
Que só de festas e discursos cura,  
Applaudindo da guerra o bom final  
E vivas dando ao regio general?

Ha batalha de Ascurra mui gabada,  
E Campo-Grande logo se seguiu,  
E Peribebuy, onde sovada  
A gente paraguayá foi . fugio;  
E muita e fera e crua metralhada  
Naquelles céus e ermos restrugio,  
Até que em fim no rio Aquidabão  
Matou-se a féra, o drago, o tubarão.

Andava um troço da brasileira gente  
Buscando a Lopez dar um golpe certo,  
Eis que os nossos soldados de repente  
O põem da luta no mais duro aperto.  
Poucos o cercam, e marchando á frente  
Aqui bateu-se a peito descoberto.  
Como um bravo bateu-se, e envolto em sangue  
Sobre a margem do rio tomba exangue.

Brada-lhe o chefe:—rende-te, orgulhoso,  
Soberbo marechal, que estás vencido.—  
Mas elle atira um golpe temeroso  
E jaz arfando sobre o chão cahido.  
—Morro com a patria—exclama soberboso,  
Com aspecto minaz, alto, subido.  
—Desarmai-o, soldados.—Trava luta,  
Nem cede as armas, resistindo nuta.

Então obrou-se o mais heroico feito  
Com que se póde honrar uma nação  
—Quando Lopez, o vulto já desfeito,  
Ergue-se e cahe da morte na afflicção,  
Um bravo assoma que lhe aponta ao peito  
E o lança inerte no sanguento chão!—(47)  
Quando um povo quizer ter fama e gloria  
Ha de assim proceder, que o mais é historia.

Basta, musa, que sinto a mão já fria,  
E a vista turva-se escurese inteira.  
Oh! porque houvera visto a luz do dia,  
Porque não jazo na mortal poeira?  
Não me sangrara a face a vilania  
Que hoje se lança á patria sobranceira,  
Que põe no povo heroico o vil labéo  
De infame assassinato infame réo.

Ch! que da nuvem de negror mortal  
Que os peitos da nação comprime e toma,  
Rompe do bojo um fogo sem igual  
E sobre a fronte do tyrano assoma;  
Baixando vem, e no furor fatal  
Traz horrendo poder que não se doma;  
Cega destroe, semêa a mortandade,  
Mas surge da ruina a liberdade.

## CANTO VII.

Quid non mortalia pectora cogis  
Auri sacra fames ?

VIRGILIO.

Noite e silencio. Lampada tremente  
A luz derrama n'um salão dourado.  
No regaço do esposo molemente  
Repousa a fronte o anjo idolatrado,  
Do seio arranca um suspirar plangente  
N'um enxame de beijos suffocado,  
A luz dos olhos a paixão apaga,  
Extase longo as almas embriaga.

Felizes!... Ah! que pallida figura  
Rapida assoma com sinistro olhar,  
No gesto revelando atra amargura,  
No peito afflicto um fervido arqueijar ?  
— Fabio!... prorompe um grito de tortura  
Que o pavido silencio vem quebrar ;  
Tranquillo pára, e com sombrio accento  
Brota dos labios cavo som, e lento.

— Mimo celeste, fonte da belleza,  
De minha perdição fatal origem.  
Rotas as vestes da immortal pureza  
Tripudias da infamia na vertigem.  
No teu semblante a nodoa da torpeza  
Transfigura o pudor da face virgem.  
Oh Deus ! e vejo o meu futuro e vida  
Quebrar-se ás mãos d'esta mulher vendida!—

Fugio. D'essa desgraça o choque rúde  
Os órgãos do sentir mata e comprime.  
Podes cerrar do peito no ataude  
A morta crença que roubou-te um crime....  
Mas o que é isto, oh musa, amor, virtude  
Quem não sabe que é peta, e nada exprime :  
Que a honra, que o saber não é thescuro  
Se de mistura não refulge o ouro ?

Assim pensava o pai, e a filha amada,  
Que tudo approva, liga a um rico l'erdeiro,  
Faltando embora essa palavra honrada  
Que só guarda por trica algum bregeiro.  
Seja o noivo o que fôr, besta ferrada,  
Ou cavallo rossim, ou boi carreiro,  
Traga o bolso bem cheio, que merina  
Sem mais nem mais empolga, e cousa fina.

E nem sómente os pais assim procedem.  
Ninguem faz cabedal do sentimento,  
Marotos ou peraltas moças pedem  
Sem nunca tel-as visto, em casamento.  
A fundura das bolsas cantos medem,  
E já se amarram, se lhes sopra o vento :  
Seja torta a mulher, traga pataca,  
Tenha cara de bicho, ou rolha, ou faca.

E todos assim fazem. Ambulando  
Vão nesta boa vida honestamente.  
Amigos a viúvas enviando  
A ver se nellas poem o voraz dente.  
Custa muito a ser rico, e trabalhando  
Nunca pode fazer fortuna a gente,  
Um facil meio nos depara a sorte ;  
E não dar na pobreza um duro corte !

Systema de commercio tão seguido,  
E que só não pratica um sem miolo ;  
Que quando algum rapaz se vê prendido  
Por menina sem cobre, diz-se — tolo ! —  
E se cae em casar, está perdi-lo,  
No conceito geral tomou carolo.  
De sorte que as mocinhas sem dinheiro  
Ficam todas mettidas no tinteiro.

E' tão vasto o assumpto que eu podera  
Com elle rabiscar uma epopeia ;  
E se o leitor um melhor tempo espera  
Prometto bem cumprir a minha ideia.  
E já que o ouro e nada mais impera  
Nesta terra feliz de ouro e teteia,  
Deixai do ouro descorrer um pouco,  
E vós ide fazendo ouvido mouco.

Aquelle que só vive de trapça  
E a custa da viuva vai comendo,  
Ou que do orpham, com ardil e traça  
A gorda ou magra bolsa está regendo ,  
Depois de farto o buchσ, quando passa ,  
Cortejos, saudações estão chovendo ;  
E logo em premio do cruel labor  
E' feito official, commendador.

Aquelle que ao balcão de suja venda  
E' sempre astucioso como um rato,  
Que exerce a profissão que mais lhe renda  
Tirando ao lansquenet o seu barato.  
E que furto aos escravos encommenda  
Passando a lavrador de grosso trato,  
E' de merecimento um fundo poço,  
E' muito honesto, muito bello moço.

Aquelle que nasceu de casco duro  
Na roda dos escravos educado,  
Mas que do pai espera um bom futuro  
Porque á já muito rico e mui poupado,  
Abre caminho, e da logo no furo  
Para ser commandante ou deputado,  
Cavalleiro, fidalgo imperial..  
Mas isto em gente assim não fica mal.

Aquelle que tem negros aos magotes  
E traz o bolso cheio de dinheiro,  
E de terras e burros grandes lotes,  
Seja capitalista o fazendeiro,  
Pertença á raça dos supinos zotes,  
Fosse contrabandista ou arrieiro,  
Saca o barrrete ao nobre figurão  
Pois quando menos é---senhor barão.

Assim vai este mundo, e ninguem pensa  
Senão em arranjar certa moeda,  
Nos meios não repare, rompa e vença  
E na luta de heroe palmo não ceda :  
Que mazella maior, maior doença  
Não ha como a pobreza, e que mais feda.  
E' lei do tempo —quem pillhando empolga  
E' como um nune, um deus, sorrindo folga.—

A negra lei do fado se curvara  
De Fabio o coração sereno e forte ;  
O sonho que na vida mais amara  
Quebrou-lhe em flôr a dura mão da sorte.  
No silêncio de um ermo que buscara  
Vai beber nova seiva que o conforto,  
Esquecido dos homens e do mundo  
Lançar-se da sciencia ao pego fundo

Da vida se voltando, de ironia  
'A face um frio riso vòa e morre,  
Não maldições ou queixas balbucia,  
Nem de inuteis lamentos se soccorre ;  
N'lna concentra a tumida agonia,  
Nem apos o passado a mente corre.  
Arvore secca em meio do deserto  
Que a doce viração não beija ao perto.

Comtudo alem pelo horisonte escuro  
Vê scintillar um raio fulgurante :  
A vista alonga, e nesse raio puro  
Do peito aquece a fibra agonisante.  
— Santelmo da esperança e do futuro,  
Bemvindo sejas, astro radiante,  
Inda verei, guiada ao teu clarão  
Erguer-se altiva esta infeliz nação.

**FIM**



# NOTAS

(1) O autor falla da cidade do Rio de Janeiro. A politica a que se refere não é esta nem aquella, é toda a politica que apoia o, já sem mascara, governo absoluto.

(2) Neste paiz as finanças estão a mercê do sol e da chuva, como as estradas. A arte não entra nêssas cousas, é o estado da natureza.

(3) Facto deploravel que faz d'este paiz uma *fazenda* movida á voz do senhor que se chama—governo. A guarda nacional, por sua organização, é quem faz a eleição e vota, sob pena de cadeia e de suspensão, em quem manda o governo. Os deputados sabem d'isto, tem querido reformar a lei, mas vão fazendo a eleição pelo systema, e na camara dizem que foram livremente eleitos. Abençoadas almas!

(4) E' notoria a ignorancia do povo do paiz. Os governos de todos os tempos nada tem feito para melhorar este estado.

Ao vir do Paraguay a noticia da morte de Lopes, deo-se um factu curioso: Alguns *patriotas* pretenderam erguer uma estatua ao imperador. S. M. escreveu ao ministro *Paulino* que—fariam melhor se empregassem o dinheiro em escolas, notando que suas ideias a este respeito eram bem conhecidas d'elle *Paulino* e dos ministros antecessores. Bemcita morte de Lopes que nos veste dar escolas! (?) *Leam agora os sabios na escriptura* a razão de nunca ter o monarcha podido conseguir de seus ministros que fizessem escolas, quando

Sabe a cabra  
Sabe o bode,  
Só não sabe  
Quem não pode

que o imperador *reina, governa e administra.*

(5) Gonsalves Dias, o cantor dos incolas, mórtu em um naufragio.

(6) Junqueira Freira, raro talento que se finou na flôr dos annos. Era natural da Bahia e frade como o autor.

(7) Alvares de Azevedo, o poeta da dôr, prematuramente arrebatado ás glorias litterarias da nação.

(8) Os poetas modernissimos ainda não deram de si cousa que se não empoeirasse nas bibliothecas. Alguns moços de talento ha, porém mais folhetinistas do que poetas dramaticos ou romancistas. A litteratura é uma cópia exótica do *realismo* francez. Pode-se-lhe applicar estas palavras de Charles Monselet com referencia á litteratura em França:—*Pendant ces ans de monarchie constitutionnelle, la litteratura a été tellement compromise par une nuée d'étourdies; on en a tellement fait une chose de bavardage et négoce....*

Tirando os jurisconsultos e alguns historiadores, dos autores vivos não se erguerum á posteridade.

9. Manoel de Araujo Porto Alegre é sem duvida o nosso epico. Seu Colombo tem defeitos e o erro de um episodio sem proporções com o tamanho do poema. Mas as bellezas poeticas e imaginativas, os traços de eloquencia demosthenica, o arrojado de Milton, Clopstock e João no Apocalypse, a dicção pura e abundante, ali pullulam á maravilha. Não se falla em Porto Alegre! Deram-lhe uma commenda! Se Magalhães teve commenda pelos Tamoyos, este deveria ter um ducado, se é que ducado é mais do que commenda. Mas os poetas brilham pelo genio e não pelas fardas ou fitas, | estas lá para as antesalas dos palacios.

(10) Não possuímos critica. A unica que tal nome pode merecer é a dos Tamoyos por José de Alencar. Mas os Tamoyos eram pulverisaeis, máo grado a edicção imperial. A critica resume-se em injuriarem os inimigos aos inimigos, em louvarem os amigos aos amigos se o autor não tem amigos ou inimigos desce ao Lethes. Critica nesta terra é synonymo de *descompustura*. Ah! Planche, Hegel, como vai por ali a vossa religião!

(11) A descrença ou antes a indiferença tem roído a nação. Roubem, violem, matem, não nos toquem no *eu* que tudo vai bem. Eis a *supremo lex*.

(12) Os exemplos mais escandalosos d'esses factos viram-se no gabinete de 16 de Julho de 1868.

(13)

### Foi um dia o rei zangou-se.

Foi um dia o rei zangou-se  
Por causa de um cortezão,  
E fundou-se n'um livrinho  
(chamado constituição.  
Foi um dia o rei zangou-se  
Por causa de um cortezão.

Foi assim, passou-se o caso  
Do palacio n'um salão  
Onde o rei *avermelhou-se*  
Como um grande camarão.  
Foi assim, passou-se o caso  
Do palacio n'um salão.

O rei chamou seu ministro  
Que era homem turrão,  
Por querer guardar sem mancha  
Liberal opinião.  
E o rei chamou seu ministro  
Que era homem turrão.

E lhe disse :—quero agora  
Com muito boa razão  
Metter lá para o senado  
Meu amado cortesão.  
Disse firme :—quero agora  
Com muito boa razão.

Volta-lhe o outro : não posso  
Fabricar tal pastelão  
Porque nos faz grande guerra  
Seu amado cortezão.  
E disse duro :— não posso  
Fabricar tal pastelão.

Enraiva-se a magestade  
Por achar contradicção ;  
Insiste ; diz o ministro :  
Não referendo, isso, não.  
Enraiva-se a magestade  
Por achar contradicção.

E chama certa gentinha  
Que se curve até ao chão,  
E que sempre ao santo rei  
Dê carradas de razão.  
E chama certa gentinha  
Que se curve até ao chão.

Mettam lá para o senado  
Nosso amado amigalhão,  
E se fôr preciso, leiam  
Essa tal constituição.  
E foi eleito ao senado  
Seu amado cortezão.

Logo após os deputados  
Fizeram reunião,  
E lá foi o das finanças  
Com seu programma na mão,  
No dia em que os deputados  
Fizeram reunião.

E bradou :— nos manda el-rei  
Governarmos a nação,  
E queremos leis precisas  
Para esta commissã,  
Uma vez que manda el-rei  
Governarmos a nação.

Porém logo os deputados  
Responderam :— isso, não.  
Comvosco, minha gentinha,  
Não fazemos união.  
Eis que logo os deputados  
Responderam :— isso, não.

De novo se enraiva o rei  
Por achar contradicção,  
E guincha com voz de gaita :  
Não serei mais rei então ?

Porque não, se o rei se enraiva  
Por achar contradicção ?

E sem mais, dos deputados  
Dissolve a reunião,  
É tudo isso por causa  
Do amigo cortezão,  
Oh ! sem mais, dos deputados  
Dissolve a reunião !

Fizesse o rei o contrario  
Era bóbo, papelão.  
Fique duro, nós queremos  
Rei sem médo, valentão.  
Fizesse elle o contrario  
Era bóbo, papelão.

E foi eleito ao senado  
Quem deu no rei cachação !  
Como assim ? ! O tal amigo,  
O da festa, o cortezão,  
O escolhido ao senado  
Já deu no rei cacachão.

Mas por artes de berloques  
Não tomou assento, não.  
Decidiram ser angú  
A decantada eleição.  
E por artes de berloques  
Não tomou assento, não.

Mas passeia hoje nas ruas  
O querido figurão.  
Visita o rei, veste a moda,  
Espera outra eleição.  
Emquanto isso, nas ruas  
Lá passeia o figurão.

(14) O aparato das côrtes aziaticas existe em S. Christovam. E' uma honra ser creado do rei. *Nós, os creados de sua magestade*, me disse uma vez um beocio de casaca: Ha cidadãos brasileiros que bebem os ares pelo titulo de *moço da camara*, e senhoras brasileiras que se desvanecem com a alcunha de *retreta*. Esta gente se abaixa tanto ao nune que obrigam os santos a fazerem a mesma cousa; por exemplo: 1.º, s. m. vai debaixo de palio como o santissimo sacramento do altar; 2.º, s. m. *baixa* á capella imperial para ouvir isto ou aquillo; 3.º, s. m. fica firme na janella do paço quando sahe a procissão, e dos quatro conductores dos andores os dous que vão na frente, ao confrontar com s. m., abaixam-se um pouco, ficando firmes os de detrás para que o santo faça cortezia. Boa vida !

Mas a proposito de beija-mão e alguma consa mais, leam-se os versos abaixo, que são da penna do próprio Fr. Bibiano, como tudo que vai escripto na linguagem de Apollo.

**As trapalhadas d'elrei.**

Viva el-rei nosso senhor  
Mais a sua fidalguia,  
Fóra, abaixo o poviléo  
Que me causa uma arrelia !

O bom rei que a divindade  
Nos mandou p'ra nos reger  
Vive sempre atrapalhado,  
Pois tem muito que fazer.

Sua casa é muito grande, '  
Tem salinhas e salões,  
Tem mil portas e janellas,  
Mil portinhas e portões.

Tem escadas, corredores,  
Bambinelas e tapêtes,  
Tem mil sofás e cadeiras,  
Candelabros e bufêtes.

Tem cosinhas e despensas,  
Mil armarios, prateleiras,  
Tem muito burro e cavallo,  
E por isso mil cocheiras.

Tem salas de guardar roupa,  
Tem grandes lavandarias,  
Mil gabinetes, boticas,  
Consultorios, livrarias.

Tem jardins e tem repuchos,  
E trinta mil trapalhadas,  
E trinta mil burundangas,  
E trinta mil patacoadas.

Além d'isso gente assim  
Precisa de cortezia,  
A toda hora e momento  
E' hora de romaria.

E por isso o santo rei  
Que Deus nos mandou reger  
Vive sempre atrapalhado, †  
Pois tem muito, † que fazer.

Tem gentis-homens  
E cavalleiros,  
Moços fidalgos  
Que servem para abrir os reposteiros.

Tem mil mordomos  
E camareiros  
Que fazem camas,  
Dobram lençóes, ensacam travesseiros.

Cousa bonita !  
Lá tem archeiros  
Que trazem lanças  
Com uns bicos fingindo candieiros.

Tem camaristas  
E mil cocheiros,  
Mil architectos  
E mórés e menores estribeiros.

Tem trinza dusias  
De jardineiros,  
Veterinarios  
Sculapios honorarios, mantieiros.

Da regea alcova  
Tem mil porteiros  
Que nas igrejas  
Enxota-cães se chamam ou rafeiros.

E todos elles  
São mui faceiros,  
Vestem casaca  
Bordada rescendendo á muitos cheiros.

E quase todos  
São brasileiros  
Muito distinctos,  
Doutores, deputados, fazendeiros

Mas este povo não chega  
Para fazer cõrtezia,  
A toda hora e momento  
E' hora de romaria.

Tambem lá temos  
Os veadores,  
Os santos padres,  
— Os confessores.

E guarda joias  
E varredores.  
E o da toalha.  
Mil servidores.

Da regia alcova  
Muitos pintores  
Que pintam cousas....  
E os batedores.

Tambem ha damas,  
— Damas de honores,  
Que aos pés do rei  
Espalham flôres.

Lindas retretas  
Que nos odores  
Dos camarins,  
Gozam sabores !

E as açafatas....  
Tem umas côres  
Este bom nome !  
Mas tudo é flôres.

Inda ha mais graduacões,  
Inda ha muitos titulares,  
São tantos que não tem conto,  
São como mosca aos milhares.

E toda esta gente nobre  
Lá vai fazer cortezia,  
A todo hora e momento  
E' hora de romaria.

Eis ahi do nosso rei  
A soberba fidalguia.  
Fôra, abaixo o poviléo  
Que me causa uma arrelia !

E esta gente sublime, pressurosa,  
Se a gazeta sollicita annuncia  
Que a tal hora se beija a mão divina,  
Lá vai em romaria.

Uns trazem seu chapéo de pasta ao lado,  
Outros nem isso, falta permissão ;  
Todos curvados já muito em distancia  
Vem procurando a mão.

Olháí, olháí, uns moços, ontros velhos  
Listrados de galão branco, amarello,  
Cheios de fitas pela roupa toda !  
Oh ! como aquillo é bello !

Vem arrumado em linha o povo immenso,  
Em linhas arrumada a fidalguia,  
Braços pendidos, e cabeça curva  
Lá vão em romaria.

O mestre então das doces ceremonias  
Dá signal por que entrem sem engano  
No salão onde está sobre o seu throno  
O gordo Bibiano.

Começa ali a scena deleitosa  
Rica de enlevos, graças e ternura,  
Enche-se d'agua a boca só pensando  
Em tamanha ventura.

Movem-se dous d'aqui, d'ali se movem  
Cinco, seis, dez e vinte, centenares ;  
De tres em tres passadas — cortezia !  
E param nos andares.

Vamos ! Lá vão ; tres passos—curvatura !  
Até quebrar a espinha. Oh ! que gloria !  
Outros tres,—curva, curva, gente boa,  
Que tudo o mais é historia.

Até que chegam todos, e pendidos  
Ou de joelhos ante o santo rei  
Começa o beija beija, fervilhando  
Em torno toda a grei.

E já depois de muito rebabada  
A dextra da divina creatura,  
De costas para traz volta a nobreza  
Inda a fazer mesura.

Tres passos para traz e... verga, verga !  
Mais tres e outros tres e... — cortezia !  
Assim, gente sublime, assim meu povo.  
Isto é que é fidalguia.

E lá se vão alegres e risonhos.  
E fóra do salão, n'uma saleta,  
Esfregando as mãosinhas dizem todos :  
— O mais é tudo peta.

E por isso o santo rei  
Que Deus nos mandou reger  
Vive sempre atrapalhado,  
Pois tem muito que fazer.

P'ra sua gloria e descanço  
Precisa de cortezia,  
A toda hora e momento  
E' hora de romaria.

Viva el-rei nosso senhor  
Mais a sua fidalguia.  
Fóra, abalxo o poviléu  
Que me causa uma arrelia !

(15) No gabinete de 31 de Agosto de 1866 vendia-se a dinheiro de contado, commendas, baronatos, etc., etc. Quem dava *tantos* negros era commendador, quem dava *tantos*, era barão, etc., etc. Corria sem contestação entre o povo a existencia de uma tabella dos titulos e dos preços.

(16) Se esta concepção não é puramente phantastica, confesso que não atino qual possa ser o objecto real a que ella corresponda.

(17) Aviso é uma panacéa nas mãos do governo. E' uma interpretação de lei, uma explicação. Toma mil formas como Prótheo: revoga leis, decretos, os proprios avisos (uns comeni aos outros como Saturno aos filhos), crea direitos e obrigações e de novo os tira. Aviso é uma praga que tem infestado a legislação, de sorte que ninguem mais conhece a lei. O aviso é a vontade do ministro, a vontade do ministro é a de quem nelle manda, o aviso pois ou a lei é a vontade de quem manda no ministro. Aviso é a peste, por onde passa tudo arraza.

(18) Factos d'estes foram mui communs. Inda hoje se reproduzem os suicidios, mas as crueldades dos senhores para com os escravos tem diminuido consideravelmente; comtudo, ha pouco, em uma provincia do Norte, um senhor, que era autoridade policial, marcou um seu escravo na testa com um ferro quente; a marca dizia — *escravo*.

(19) Depois da abolição do trafico deram-se factos vergonhosos para o paiz. Além de muita violencia praticada pelos inglezes em nosso portos, entraram até debaixo das baterias da fortaleza de S. Cruz de morrões accesos afim de aprisionar um navio supposto contrabandista.

(20) O *bill* Aberdeen que autorisava aos cruzeiros inglezes perseguir mesmo dentro dos portos os navios brasileiros suspeitos

de contrabando de escravos. Foi riscada do código da Inglaterra esta nodóda do nome brasileiro.

(21) Os escravos de Santa Cruz sahem ao encontrô das pessoas que passam na estrada proxima á fazenda a lhes pedir esmolas. Vem nús, trazendo apenas um pedaço de baieta ou outro panno cobrindo o que a natureza manda que se occulte. Diz-se que esses escravos têm dous dias na semana em que trabalham para se alimentarem e vestirem.

(22) Um gabinete, o de 31 de Agosto de 1867, tinha respondido a associação abolicionista de França no sentido o mais favoravel a libertação dos escravos do Brasil, logo depois em duas fallas do throno não se disse uma palavra sobre esta magna questão.

(23) O autor certamente se refere ao facto de residir no Rio de Janeiro um ministro inglez, máu grado essas desfeitas soffridas e os actos de pirataria praticados por Christie.

(23) Os escravos saudam aos brancos ou pessoas livres tomando-lhes a bençam, ou com estas palavras — louvado seja nosso senhor Jesus Christo'.

(24) Esta selução é moral e philosophica. Parece porém que o poeta não a offerce como norma pratica para o desenlace da questão, senão como concepção meramente poetica com o unico fim de indicar a indeclinavel necessidade de um desenlace.

(25) O aprisimento do navio do imperio *Marquez de Olinda* deu motivo ao rompimento de hostilidades do Brasil com o Paraguay. A nação inteira ergueu-se para vingar essa affronta.

(26) O Padre Duarte era o espirito santo que inspirava os actos do exercito paraguay ao mando de Estigarribia. Um creado do imperador, o general Cabral, depois de rendida a praça, lá foi e trouxe pelo braço o receioso padre para fóra. Por este feito de bravura *distincta* passou a Barão de Itapagipe.

(27) O combate á noite na Ilha da Redempção, a que tambem se tem chamado Ilha do Cabrita, Ilha do Carvalho e Ilha da Victoria, foi um dos mais gloriosos feitos da campanha; teve lugar a 10 de Abril de 1866.

(28) João Carlos de Willagran Cabrita redigia a parte do combate em companhia de navios officiaes, quando uma bomba inimiga o levou e a muitos.

(29) A passagem do Paraná foi o feito mais arrojado e de mais importantes consequencias d'esta guerra. Ozorio commandava um exercito quasi bisonho. Ao passar o rio, internou-se pelo paiz acompanhado de doze homens de cavallaria, e foi accommettido pelo inimigo. Ahi venceu innumerous combates. Foi censurado por aquelles que não tinham coração para obrar com tal heroismo, proprio das idades cavalleirescas.

(30) O poeta se refere á batalha de 24 de Maio de 1866, onde se bateram os paraguayos ao mando de Resquin, Barrios e outros. Foi a maior batalha que já se ferio na America do Sul. O inimigo tomou os alliados de surpresa, e trazia tamanho impeto que sua cavallaria rompeu até a nossa retaguarda. Ozorio os desbaratou e ficou senhor do campo.

(31) Uma divisão da esquadra brasileira estacionava á foz do pequeno rio Riachuello, ao mando do chefe de divisão Barroso.

A esquadra paraguaya cahio sobre ella de improviso a 11 de Junho de 1865. Foi uma victoria esplendida e ganha unicamente pelas armas brasileiras.

(32) O navio chefe era a fragata Amazonas. Barroso lançou-a de proa sobre os vasos inimigos, que eram em maior numero que os nossos, porém menores, e afundou a muitos. Esta inspiração nos deu o ganho da batalha.

(33) Mariz e Barros e outros bizarros officiaes da marinha brasileira aqui morreram dentro da casamata do encouraçado Tamandaré ao entrar nella uma bomba inimiga.

(34) O general Porto Alegre é uma das figuras mais brilhantes da historia d'esta guerra. A fortaleza de Curuzú estava muito bem montada e guarnecida: foi tomada de assalto por um exercito que nunca houvera entrado em fogo.

(35) O marechal Lopez propoz a paz; não foi porém acceita a proposta porque o tratado da triplice alliança declarava que só findaria a guerra com a sahida de Lopez do Paraguay. Cã no meu bestunto o tratado oppõe-se ao direito natural e das gentes; mas, como quem pode, manda, foi levado a effeito para maior gloria d'este imperio celeste.

(36) Parece que o auctor se refere ao silencio tumular com que a general ouvia bradarem a imprensa e o senado contra suas endeosadas operações militares. Mas o que dá que pensar é que estando doente para ir ao senado defender-se, e faltando toda a sessão, tornou-se bom e forte para ali comparecer e victar em uma questão de eleição contra um adversario politico. Isto foi grandeza d'alma.

(37) Teve em suas mãos mais poderes que nenhum outro general, teve o mando absoluto; nomeava, demitia, condecorava, etc. Pode-se-lhe applicar, com venia de Fr. Bibiano, este versiculo de Jeremias: *Ecce constitui te hodie super Gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipes, et aedifices, et plantes.*

(38) A queixa era geral. Difficilmente se obtinham soldados. O governo comprava escravos e d'elles fazia os defensores da causa nacional. Não se offerecia mais um cidadão voluntariamente, alguns que se diziam voluntarios, tinham sido agarrados á força nos mattos onde se foragiam. A guerra estava *em paz*, como se dizia; o commercio definhava; os titulos do governo estavam depreciados. Era um estado deploravel.

(39) Os Estados Unidos offereceram seus bons officios para terminar-se honrosamente a questão. Foram recusados.

(39) Considerava-se a passagem de Humaitã como impossivel. Contudo muitos officiaes apinavam por ella, e inda assim nada se fazia. A final passou-se, verificando-se que não era a impossibilidade que a impedia.

(40) O capitão tenente Silveira da Motta hia no navio testa da columna.

(41) Pequeno encouraçado que hia preso ao bordo d'outro navio.

(42) O Almirante Joaquim José Ignacio fez signal para que descesse agoas abaixo. Maurity, ao que se suppõe, não obedeceu, pelo que o proprio Ignacio o comparou a Nelson. Este moço admiravel transpos cinco vezes o passo com dia claro. Aqui provou evidentemente que a passagem não era fabulosa.

(42) Com pasmo do exercito o general affirma que commandou em pessoa o ataque do Estabellimento.

(44) O systema dos *cumctactor* era sítiar os paraguayos a ver se elles se renliam. Esperança mui caridosa na verdade. A's vezes o inimigo nos accommettia, ás vezes evacuava os fortes que occupava para se fortificar em outros. Evacuaram Curupaity deixando assestados troncos de arvores que fomos tomar como se foram peças de artilharia. Evacuaram tanto e tanto que os *jórnaes* do Brasil alcunharam o general — Duque das evacuações.—

(45) Dizem que na ponte do Itororó foi ferido o cavallo do general. Os versos abaixo dão uma ideia deste facto ou feito que não é para ser esquecido.

### O cavallo do invicto.

Oh! que gente está tão fria,  
Oh! que terra esta que habito!  
Nem se canta em verso heroico  
O cavallo do invicto!

Houve um combate ferino  
Já depois de muito *pito*,  
E dizem que fallecera  
O cavallo do invicto.

Nem se diz se na bagagem  
Junto ao boi, vaca ou cabrito,  
Ou se montado morrera  
O cavallo do invicto.

Nem se sabe se de broca,  
Se de mormo ou fanequito.  
Consta só que já não vive  
O cavallo do invicto.

Rufem caixas, toquem sinos...  
Chegou algum rei do Egypto?  
Não, senhor, morreu na guerra  
O cavallo do invicto.

Chega povo. Commandante  
Vamos lá, toque o apito,  
Chame o povo festejemos  
O cavallo de invicto.

N'isto salta um caipira  
A berrar como um maldicto  
Esta nenia que fizera  
Ao cavallo do invicto:

Carangueijo é bicho d'agoa,  
Mosca pequena é mosquito,  
Lá morreu dentro da lama  
O cavallo do invicto.

A galinha cacareja,  
Grita e falla o periquito,  
Bate a bota, estica a perna  
O cavallo do invicto.

Eis que surge um tal sugeito,  
Sectario do grande rito,  
Elogiando a bravura  
Não do cavallo, do invicto.

Agora calar os faço,  
Um facto extrondoso cito,  
Rateu-se, morreu na guerra  
O cavallo do invicto.

(46) Quando o general Argollo veio doente do Paraguay, s. m. foi visital-o em pessoa; quando veio o almirante Ignacio, *mandou* escrever-lhe sabendo de sua saude; quando veio o general em chefe não foi nem mandou, e era certo que o velho soldado, o escudo do imperio, se achava gravemente enfermo, de sorte que nem podia *montar a cavallo*. As pytonissas ou cartomantes nunca poderam explicar este mysterio.

(47) Eis como narra um correspondente do *Jornal do Commercio* o fim do presidente do Paraguay — *Jornal* de 15 de Abril de 1870.

— A attenção geral subdividio-se.

Reunindo em um todo estas multiplas indicações, notam-se algumas disparidades de narração; entretanto aquelles factos todos passaram-se, no dizer de pessoas que nos merecem muito credito, da maneira seguinte:

Quando a cavallaria brasileira ao mando do coronel Joca Tavares invadio o acampamento do dictador, elle se achava montado em um cavallo baio-branco, malhacara, e rodeado de officiaes a pé, armado de lança e de espada. O *entrevero* foi forte: aquelle estado maior debandado, juncando o campo de cadaveres. Lopez teve de defender-se, e sua espada ferio levemente na testa a um official nosso. Foi então que o cabo Chico Diabo, ordenança do coronel Tavares, deu-lhe o primeiro lançaço, lançaço mortal, por isso que o pegou acima da virilha, offendendo os intestinos. Entretanto elle não cahio, mas dando de redeas ao animal, procurou fugir em direcção a uma mantinha acompanhada de duas pessoas tambem acavallo.

O major Simeão de Oliveira sahio-lhe ao encontro, e com os olhos pregados nelle, por vezes gritou a um sargento nosso: « Lá vi Lopez, faz fogo, mata-o. » Cada vez que o tyranno ouvia a sua voz voltava a cabeça com terror; hia muito pallido e fazia voltar a espada desembainhada de um lado e do

outro do cavallo. O sargento descarregou a sua clavina Spencer sete tiros n'um abrir e fechar de olhos. Um dos cavalleiros cahio com o craneo traspassado: era Caminos. Os dous outros continuaram a correr a meio galope; Lopez novamente ferido.

Junto a matinha o terreno tornava-se fôfo. Os animaes começaram a se atolar. Lopez apeiou-se rapidamente, despio a blusa e desapareceu entre as arvores. N'isso vinha chegando mais gente. Simeão disse para o General Camara, que aproximava-se a galope: « O Lopez está ali. » O general fez um gesto de duvida, apeiou-se tambem e entrou na matta. Atraz d'ella corria o Aquidabanguami, quasi um corrego.

O tyrano estava dentro d'agoa até os joelhos; procurava galgar a barranca opposta; o companheiro estendia-lhe a mão. O general Camara metteu-se tambem no corrego. « Entregate, machal, bradou-lhe, sou o general brasileiro. » Lopez deu um golpe na direcção de Camara, e já em terra, cahio de joelhos.

« Morro com a patria! exclamou. »

« Desarmem este homem, ordenou Camara. »

Um soldado do nono de infantaria atirou-se então sobre elle, o agarrou nos pulsos, apesar de sua resistencia. Na luta Lopez cahio duas vezes dentro d'agoa e mergulhou a cabeça, sahindo com ancia a buscar respiração. Nesses instantes rapidissimos um soldado de cavallaria veio correndo e *descarregou-lhe no lado esquerdo um tiro á quetma-roupa*, que foi direito ao coração.

Isto diz o correspondente.

O general Camara em uma parte diz que Lopez, não se querendo entregar, foi morto á sua vista; n'outra diz que Lopez gravemente ferido espirou na margem do rio.

Mas, para que essa discussão? Lopez é morto e finda a guerra. Leia'm versos.

#### Da morte d'El-rei dos Guarany's.

De como chegou á côrte d'elrei nosso senhor a noticia da morte d'el-rei dos Guarany's; de como foi recebida esta noticia; de como el-rei nosso senhor sahio a passear de braço com a rainha nossa senhora; de como declarou com segurança que a guerra estava terminada e de como recusou uma estatua.

Nos seus paços merencorio  
Stava el-rei sempre cuidadoso;  
Do lustre das armas regeas  
Algum tanto pesaroso;  
Porque el-rei dos Guarany's  
Lhe resiste inda orgulhoso.

Eis que á barra entram galeras  
Cibertas de louçanias,  
Ergue-se el-rei de seu throno  
Chega ás snas gelosias,  
Alvoroçam-se os vassalios  
Entre brados de alegrias.

« E' morto o perro, o tyrano,  
Diz a nova que já vóa,  
Andando quasi sem vida  
Nobre lanceiro o arpóa. »  
« Subam fogos, toquem sinos. »  
Sollem fogos, tudo tróa.

Sahio el-rei de seus paços  
De braço com a rainha.  
De toda a parte o seu povo  
Curioso a vel-o vinha,  
Todo em gala, amui gamenho  
De braço com a rainha.

Vertia no seu semblante  
A alegria em que nadava,  
A todos brandos sorrisos  
De lado a lado espalhava.  
Passeando a pé nas ruas,  
Cousa nova que espantava.

« Senhor, acabou-se a guerra ! »  
Ousam fallar-lhe ness'hora.  
Fis, então matando o Neves  
Diz el-rei que em gosto chora :  
« Matou-se o perro, acreditem  
Que findou-se a guerra agora. »

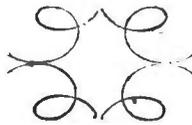
« Santo rei, sublime rei,  
Rei divino, sem senão,  
Devemos pagar-te as glorias  
Que arranjaste p'ra nação,  
Iremos fundir-te em bronze  
No pateo d' clamação. »

« Nada nada façam casas  
Para lèr-se o b a ba,  
Pois asnice tão supina  
Nenhum povo tem, nem ha.  
Meus ministros sabem d'isso  
Pois que o tenho dicto já »

Douto rei, modesto rei  
E lá foi-se a passear.  
E ficaram seus vsallos  
Sobre o caso a cogitar.  
Cogitaram cogitaram :  
Que vá el-rei passear.

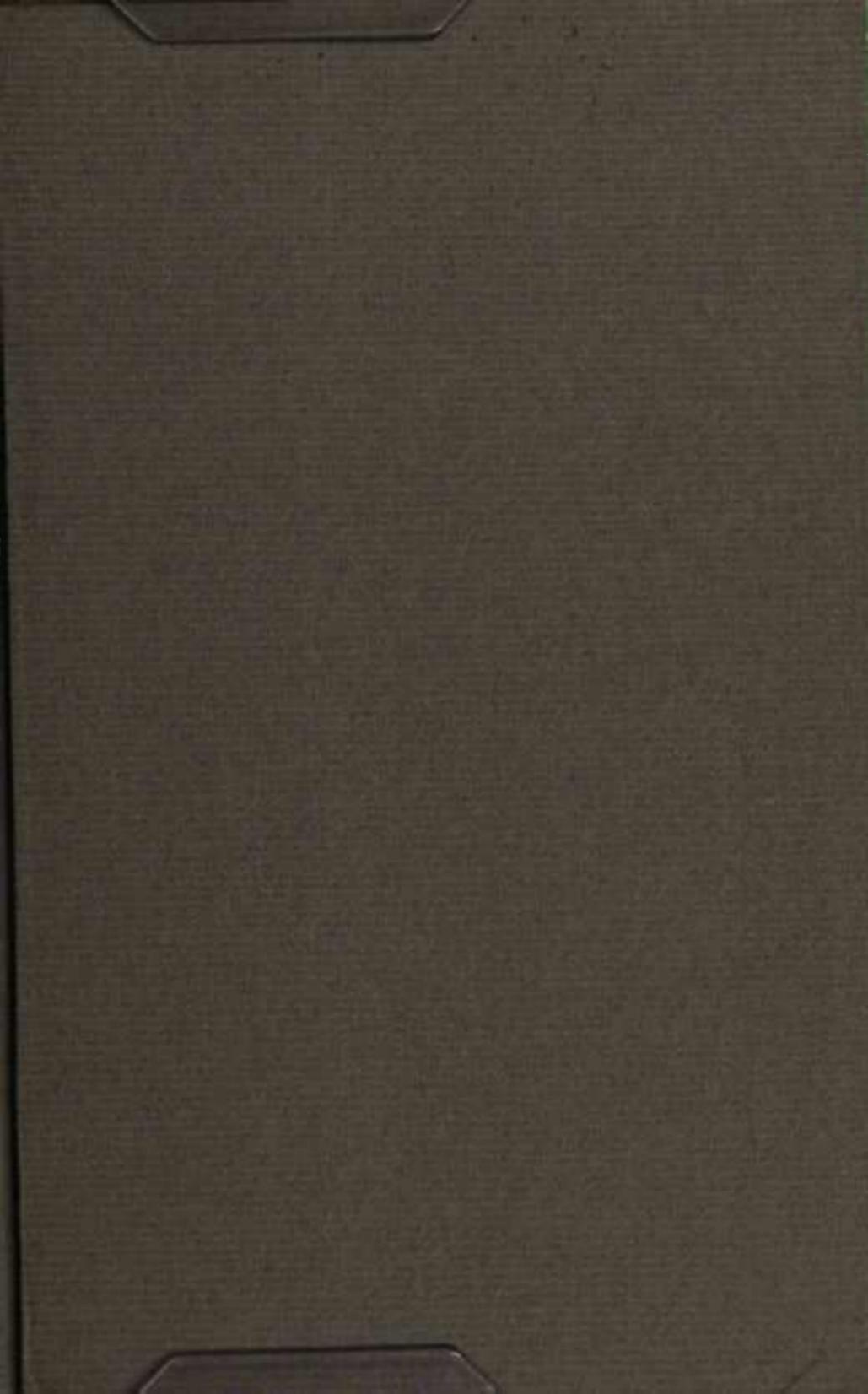
**E de braço com a rainha**  
**Retirou-se aos regeos paços,**  
**Cercado de grãos fidalgos.**  
**De calças azues e laços.**  
**Foi dia de jubileu,**  
**De beija-mão e de abraços**

**Agora não merencorio**  
**Vive el-rei, e nem cuidadoso.**  
**O lustre das regeas armas**  
**Já não é mais duvidoso:**  
**Matou el-rei Guarany**  
**O rei touaz, glorioso.**











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).